

Alerta na Semana da Pátria

Você paga 7 mil todo mês por esta dívida



Sandra ajudou mesmo o massacre dos mendigos

A denúncia contra a candidata do regime ao governo carioca foi feita na TV por Miro Teixeira, do PMDB, que assinou embaixo. Pág. 4

O esporte entra na campanha eleitoral

Jogadores, cartolas e comentaristas também se atiram à batalha das urnas, pelo governo ou pela oposição. Página 7



A dívida externa está custando este ano uma média de 7 mil cruzeiros mensais para cada trabalhador brasileiro.

Para os capitalistas estrangeiros ela é a melhor forma de espoliar nossa nação: a mais sofisticada, mais segura e lucrativa. No 160º aniversário do Grito do Ipiranga, a independência do Brasil parece cada vez mais uma piada de mau gosto. O país trabalha apenas para pagar a dívida.

Página 8.

EDITORIAL

Campanha de massas

Grande parte do eleitorado ainda não definiu em quem vai votar. Isto é fruto da falta de liberdade para o povo se informar e discutir as propostas políticas. Os generais fazem tudo para manter os trabalhadores desinformados. Sua grande esperança para evitar uma fragorosa derrota em 15 de novembro é conseguir pescar votos para o PDS nesta massa de indecisos, usando a máquina governamental como forma de pressão.

Mas o descontentamento generalizado com a situação de calamidade por que passa o país faz com que o grande objetivo popular seja derrotar o governo. A eleição vai ser um grande plebiscito onde a tendência do povo será de votar na oposição. A grande dúvida é como votar contra o governo e em quem votar para mudar.

A campanha eleitoral nestas dez semanas que faltam tem como eixo central o esclarecimento e a conquista do eleitor para votar certo e para não anular o voto: votar no PMDB como única legenda capaz de derrotar o PDS e votar nos candidatos populares como núcleo mais avançado da oposição na luta pelo fim do regime e pela conquista da liberdade.

Aprender a usar a cédula imposta pelo governo como arma contra o próprio governo é um anseio geral. A imensa maioria não quer anular o seu voto na situação atual. A idéia de criar em cada local um centro de orientação eleitoral para ensinar a votar pode ter um grande êxito.

Mas isto não basta. Muitos trabalhadores ainda vacilam em votar no PMDB "porque é um partido burguês". A campanha terá o papel de esclarecer que as eleições não vão resolver a luta entre o proletariado e a burguesia. Esta será uma etapa posterior para a qual a conquista da liberdade é uma questão vital. O confronto de 15 de novembro é entre o arbítrio e a democracia. Nesta batalha a classe operária tem todo o interesse em

somar todas as forças para derrotar o governo e o PDS. Para esta tarefa, apesar das vacilações do PMDB, e mesmo da tendência à conciliação de vários de seus candidatos a governador, este é o único partido com condições de dar a vitória à oposição, por reunir a mais ampla frente de forças contra o regime dos generais. A dispersão dos votos em outras legendas, mesmo que se apresentem com uma pretensa mensagem avançada, só pode favorecer o PDS. Por isto é indispensável esclarecer que nesta batalha os candidatos dos trabalhadores são os do PMDB.

Mais do que isso, cabe indicar que dentro desta extensa frente oposicionista, que inclui elementos atrasados e vacilantes, estão também candidatos ligados ao proletariado e às massas trabalhadoras. O voto nestes candidatos reforça a luta democrática e cria melhores condições para o desdobramento da luta contra o regime depois das eleições.

Cada operário, cada trabalhador e cada democrata que já entende estas questões pode cumprir um importante papel discutindo com o vizinho ou com o colega de trabalho para ajudá-lo a votar certo e para convidá-lo a se incorporar nesta grande corrente democrática para condenar maciçamente este governo dos generais, corrupto e arbitrário.

Se com a Lei Falcão os generais nos roubam a possibilidade de fazer campanha eleitoral no rádio e na TV, cabe a nós trabalhadores encontrar as formas novas para uma comunicação com milhões. Em cada local podemos multiplicar os propagandistas ganhando para a campanha lideranças das fábricas e dos bairros, fazendo reuniões com ativistas do povo. Será uma campanha de esclarecimento para conquistar votos. E uma campanha de mobilização e de organização popular para reforçar a luta pela liberdade e pelo fim do regime militar.

O terrorismo volta à cena nas eleições

Atentados contra as oposições tempos do Doi-Codi. e a Igreja relembram os

Página 3

O povo aprende a votar para dizer não ao governo

O governo impôs uma cédula eleitoral que visa anular os votos. Mas a oposição faz campanha para mostrar como derrotar o PDS. Pág. 4



Cintra atacado pela polícia ao pedir congelamento de preços a Figueiredo

Benedito Cintra, o vereador de briga

Benedito Cintra destaca-se na Câmara de São Paulo, e fora dela, pela defesa dos interesses do povo. Pág. 3



Totalmente desamparados, moradores das cidades satélites não têm direito de votar

Campanha na cidade que não pode votar

Em Brasília o povo não pode escolher seus representantes. Pág. 4

Governo polonês mata 3 e prende 4.500 populares

Povo polonês vai às ruas e entra em choque direto com a polícia dos generais golpistas. Página 2

Greves contra o desemprego agitam a luta salarial

Metalúrgicos da Monark, Sofrões e Motores e outros trabalhadores de São Paulo. Fundação Maurício Grabois

No Brasil, pelas relações especiais que mantêm com o Paraguai há longo tempo, de ajuda econômica e mesmo de apoio político ao governo Stroessner após o golpe de 1964, é onde se exige uma intensa solidariedade ao povo paraguaio, apoiando a oposição à ditadura de Stroessner e exigindo a anistia aos presos e exilados que iniciam o retorno ao país.

Mandato do vereador deve servir às lutas do povo



Benedito Cintra junto aos invasores do Jardim Robru, em outubro de 1981.

O mecânico na Câmara Municipal

Benedito Cintra, ex-mecânico da Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC), tem sua atuação de vereador marcada pela ação decidida junto ao movimento operário e popular, dentro e fora da Câmara. Entre 1977 e 1979 ele foi um dos coordenadores do Movimento Contra a Censura em São Paulo. Em 1980 participou da caravana do MCC que foi a Brasília pedir o congelamento dos preços de gêneros de primeira necessidade. O general Figueiredo não recebeu a caravana, e mandou a polícia atacá-la — uma das vítimas do ataque policial foi o próprio Cintra.

Um dos fundadores da Frente Negra para a Ação Política de Oposição (Frenapo), Cintra sempre denuncia na Câmara a discriminação racial, tanto do Brasil quanto do "apartheid" sul-africano. Nas greves do funcionalismo e de operários, o vereador participa de piquetes e ajuda a conter a violência da repressão. Nas lutas de favelados, organiza comissões que vão à prefeitura exigir condições dignas de moradia. Nas ocupações de terrenos baldios pelo povo pobre, esclarece os posseiros urbanos sobre seus direitos, e ajuda-os em sua

organização. O mesmo em relação às lutas por creches, por saneamento, por asfalto, etc.

Graças à ação de Benedito Cintra, a Câmara sediou o Encontro Popular de Saúde, em julho de 1979. É destacada também sua participação em mobilizações contra aumentos da tarifa de ônibus e nas manifestações populares da Freguesia do Ó, quando os bandos fascistas do ex-governador Paulo Maluf atacaram a população indefesa.

Na Câmara estão registrados seus discursos denunciando o racismo na África do Sul, a ação intervencionista dos Estados Unidos na América Central, entre outros. E projetos seus instituindo a Tribuna Livre (para populares) na Câmara, isentando trabalhadores de transportes do pagamento de passagens, etc. Expressando a solidariedade internacional dos brasileiros, Cintra integrou, ainda, a comissão que foi protestar junto ao Cônsul dos EUA em São Paulo contra o genocídio de palestinos e libaneses em Beirute.

É com base nessa atuação, dentro e fora da Câmara, que Benedito Cintra concorre, atualmente, à Assembleia Legislativa pelo PMDB paulista.

"No Congresso Nacional, na Assembleia Legislativa ou na Câmara Municipal, o que está em jogo são as classes sociais em luta. O parlamento reflete a luta de classes". A afirmação é do vereador paulista Benedito Cintra, do PMDB, que se notabilizou pela defesa dos interesses dos setores populares de São Paulo.

Cintra não tem ilusões sobre o parlamento: "No Brasil, seus poderes foram castrados. Para se obter algumas conquistas no Parlamento, os parlamentares têm que se apoiar no avanço e fortalecimento do movimento operário e popular. Nos voltamos, portanto, prioritariamente para a ligação com as lutas e organização de trabalhadores. Apresentamos projetos na Câmara, obstruimos projetos do governo prejudiciais ao povo. Mas essa é uma ação limitada, ainda mais quando o governo tirou toda autonomia do parlamento. Por isso, a atuação prioritária é nas ruas, conscientizando e organizando o povo".

CONTROLE GOVERNAMENTAL

O vereador critica o absoluto controle, pelo governo militar, de toda a administração do país: "Até o saneamento básico é controlado pelo governo federal. A população recorre à Câmara e à Prefeitura. Mas como nem um nem outro têm condições de atender às reivindicações, o povo, se mobilizando, passa por cima deles, e vai direto ao governo federal. As reivindicações só são atendidas quando há mobilização popular".

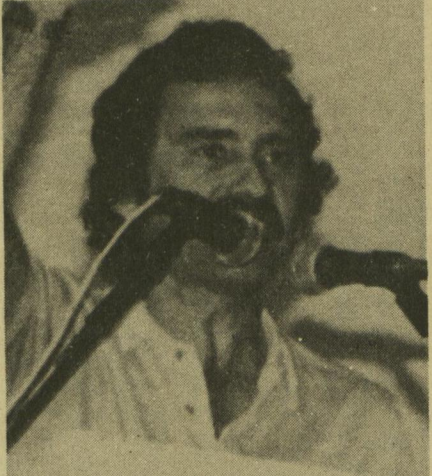
COMPROMISSO POPULAR

Nas eleições de 15 de novembro, Benedito Cintra concorre à Assembleia Legislativa pelo PMDB (nº 5150): "Minha candidatura é de compromisso com o movimento operário e popular. Saí para deputado estadual porque o movimento popular cresceu, aumentou suas reivindicações políticas na área institucional. Isso colocou para nós a necessidade de, na Assembleia Legislativa, fortalecer a representação popular, que é pouca. Reforçar a atuação dos parlamentares mais combativos". (Carlos Pompe)

O povo entra no páreo duro das eleições em Pernambuco

Praticamente só o PMDB e o PDS estão no páreo eleitoral em Pernambuco, uma das campanhas mais duras e polarizadas do país. O governo acha importante ganhar no estado, mesmo que seja às custas de propaganda pornográfica jogada de avião, como já aconteceu. E o bloco popular tem tido um papel-chave no esforço por uma campanha intensa, coesa e vitoriosa.

Salvo raras exceções, as classes dominantes pernambucanas têm mostrado uma rara capacidade de se manterem "unidas na divisão", para enfrentarem o povo. Este, porém, é um destes momentos excepcionais. Antes da incorporação, fatias consideráveis destas camadas já estavam no PMDB, PP e PDT. Depois, enquanto o PP aderiu ao PMDB, o PDT recusava-se a lançar candidatos, em nome da unidade das oposições. Por outro lado, o senador governista Nilo Coelho, desastrado, mas rico e influente, não move uma palha pela campanha do PDS.



Luciano: o comitê mais movimentado

Para segurar as pontas, o governo foi obrigado a queimar um de seus mais preciosos cartuchos, lançando o ex-governador Marco Antonio Maciel para senador. Maciel, um dos raríssimos quadros políticos jovens do regime, ia sair para deputado federal. Mas devido às cisões no PDS terminou saindo para o Senado — mesmo com o risco de perder e ficar sem mandato.



A chapa encabeçada por Marcos Freire expressa a frente democrática

Soma-se a isto a crise particularmente grave que o estado atravessa. No Recife, de 2,5 milhões de habitantes, 700 mil são posseiros urbanos. A fábrica Torre, uma das maiores têxteis pernambucanas, fechou, abarrotada de estoques invendáveis. No sertão, flagelados da seca invadem cidades. Na Zona da Mata, cresce o movimento dos assalariados rurais.

Tudo isso cria as condições para uma frente democrática extremamente ampla e com base popular sólida, capaz de fazer o PDS morder o pó da derrota. A chapa dos candidatos do PMDB, encabeçada por Marcos Freire, expressa a amplitude da frente que se forma. Um setor importante que apoiava o governo, liderada por Cid Sampaio, deslocou-se para a oposição, aumentando sua força. Caso o povo nas ruas consiga garantir a unidade da legenda oposicionista, será ela a vencedora em novembro.

Um fator de primeira ordem para isto tem sido, sobretudo nos últimos tempos, a campanha levada adiante pelo Bloco Popular do PMDB. Candidaturas como a de Luciano Siqueira, a deputado estadual, e Lúcio Monteiro, a prefeito do Cabo, impulsiona o partido em dois sentidos. Primeiro por empunham com firmeza a bandeira da unidade contra o governo e seu partido. E segundo — com destaque — por colocarem em movimento, com lugar de destaque na campanha, as massas pobres e exploradas do povo.

Luciano — cujo comitê eleitoral é tido como o mais movimentado do estado — comenta que foi nos últimos três meses que a campanha deu uma arrancada. "Sofríamos de certo complexo de inferioridade — diz ele. Passamos a nos dar conta da nossa força, da força do povo, a partir do que os outros falavam. Hoje, funcionamos como um carro-chefe. Tem gente que eu nunca vi e aparece no comitê, pedindo só a tinta e a permissão para pichar, para ajudar na campanha, contra o governo da carestia, do desemprego e do pacote do INPS".

Ameaça fascista ao processo eleitoral

O país vive um período de aguçamento da luta de classes. Acossado pela perspectiva de derrota eleitoral nos principais centros políticos do país e por uma dívida externa que ultrapassa os 80 bilhões de dólares, o regime parte para as soluções violentas. Está na ordem do dia uma ampla campanha unitária para barrar a ofensiva fascista "extralegal".

A perspectiva no terreno político e econômico é de derrota completa do regime militar, que pode até mesmo conduzir à queda do governo. Diante deste quadro a tendência do regime é apelar às soluções violentas para manter o monopólio do poder nas mãos dos generais.

Os chamados "setores radicais", que já se manifestaram anteriormente com a bomba do Riocentro, agora falsificam o jornal da Arquidiocese de São Paulo, violam a correspondência de freiras no Correio e forjam panfletos provocadores tentando incomodabilizar os comunistas com outros setores democráticos oposicionistas. Condenam um pastor no Rio Grande do Sul porque estava vendendo um jornal de oposição. Praticam violências contra o lançamento da Revista do Araguaia na Bahia e contra estudantes que pretendiam realizar um debate com o candidato a deputado federal Haroldo Lima. Em Goiás, Alagoas e outros estados, repetem-se as violências e até assassinatos de candidatos da oposição. Removem os padres franceses de Belém para Brasília buscando isolá-los. Tentam recolocar a Lei de Segurança Nacional como instrumento para barrar qualquer manifestação contra o regime militar.

Casuísmo e terror são faces do regime

Os terroristas do Riocentro, apesar de silenciados pelo amplo protesto democrático, contam com a proteção paternal do governo. Basta dizer que o coronel Job Lorena, responsável pelo inquérito da bomba do Riocentro, que considerou os militares do DOI-CODJ como vítimas, foi condecorado por seus "bons serviços".



Dom Evaristo, vítima da ação dos fascistas

A Igreja também no alvo

Os mesmos terroristas que há pouco tempo andaram explodindo bancas de jornal e as próprias redações, sempre acobertados pelo governo, voltam à cena falsificando o jornal "O São Paulo", numa tentativa de desmoralizar o arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns. Os chamados "grupos paramilitares" fizeram uma edição falsa do jornal, colocando D. Evaristo em oposição às correntes democráticas da Igreja.

Não contentes com isto, violaram a correspondência de uma freira, também em São Paulo, trocando o sa-



Coronel Job recebeu medalhas pelos seus "bons serviços"

Terrorismo na Bahia

Um simples debate programado pelos estudantes do Colégio Central em Salvador, com Haroldo Lima, Luis Nova e Lúdice da Mata, candidatos do PMDB, provocou a invasão da escola pela Polícia Federal, o espancamento dos alunos, o fechamento do Centro Cívico, a expulsão de 16 estudantes e a ocupação policial do colégio, até o fechamento desta edição.

Os policiais, usando armas, perseguiram os estudantes no interior da escola, com a concordância da Diretora Geral, Maria Alice dos Santos, que se colocou inteiramente a serviço do governador Antonio Carlos Magalhães do PDS, como denunciaram os próprios alunos do colégio. O estudante Roberto Souza Freitas levou um soco que provocou um corte pro-

fundo no lábio superior, tendo levado seis pontos no hospital.

No dia 27, novamente a Polícia Federal e o Batalhão de Choque da PM atacaram os estudantes para impedir uma manifestação de protesto na porta do Colégio Central. E na segunda-feira, dia 30, a Polícia Federal sequestrou o presidente do Centro Cívico, Júlio Batista Neves, mantendo-o preso durante 5 horas, de cuecas, na delegacia do 11º distrito.

Estas medidas fascistas são fruto do desespero do representante do regime militar na Bahia, o governador Antonio Carlos Magalhães do PDS, que sente a cada dia o crescimento da oposição e as possibilidades de derrota de seu protegido Clériston de Andrade.

O governo joga também nas manobras políticas. Sua esperança é que grande parte dos eleitores, impedidos pelo regime de arbítrio de se informar, só vai se definir em quem votar na última fase da campanha eleitoral. Os estrategistas do Palácio do Planalto pretendem usar a máquina governamental para pressionar os indecisos em cima das eleições. Já decidiu inclusive manter intacta a Lei Falcão, impedindo o esclarecimento público no rádio e na televisão. Enquanto isso o general Figueiredo abandona os assuntos do governo e sai por todo lado,

"como um camelo", segundo o senador Teotônio Vilela, à cata de votos para o PDS.

Mas a realidade é adversa aos planos dos generais. A sabedoria popular aponta para a votação oposicionista concentrada no PMDB, deixando de lado os demais partidos que dispersam os votos da oposição. Só no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul é que o PTB e o PDT ainda obtêm algum apoio, que tende a se esvaziar porque o povo não quer desperdiçar o seu voto. E o PT, em São Paulo onde é mais forte, não conseguiu polarizar mais do que 6% dos eleitores. O povo quer derrotar o PDS.

Na ordem do dia a luta antifascista

O casuismo da imposição da cédula sem sigla e sem nome também parece que vai se esvaziar. Com a definição da cédula a oposição vai impulsionar a campanha e esclarecer o eleitorado para não anular o voto. E o povo tem um grande anseio de usar o voto para derrotar o governo.

Também no plano econômico o governo não tem saída. Levou o país à insolvência, não tem onde buscar recursos e está sendo pressionado para renegociar a dívida externa superior a 80 bilhões de dólares (ver pag. 8). Com isto coloca o país inteiramente sob a tutela dos banqueiros internacionais e assina o atestado de óbito de sua política econômico-financeira. Expõe claramente o fracasso de seus planos mirabolantes.

Diante do desespero dos donos do poder, é ilusório esperar um processo eleitoral tranqüilo. Está na ordem do dia uma frente de grande amplitude para impedir a fascistação do país. A imprensa, entidades democráticas como a OAB, ABI, os partidos de oposição e todos os setores interessados na realização das eleições têm o dever de se unirem para barrar mais uma vez os planos golpistas e terroristas. É a prática já demonstrada que a chave para a libertação e mobilização de massas (Rodrigo Lustosa)

Miro Teixeira denuncia crimes de Sandra Cavalcanti

No dia 29 de agosto o programa “O povo na TV”, na TVS do Rio de Janeiro realizou um segundo debate entre os cinco candidatos a governador do estado. Um episódio ganhou a atenção da opinião pública e promete dar muito pano para manga na campanha eleitoral. Miro Teixeira acusou publicamente a candidata Sandra Cavalcanti, como responsável pela matança de mendigos realizada em 1962.



Sandra tenta intimidar Miro Teixeira

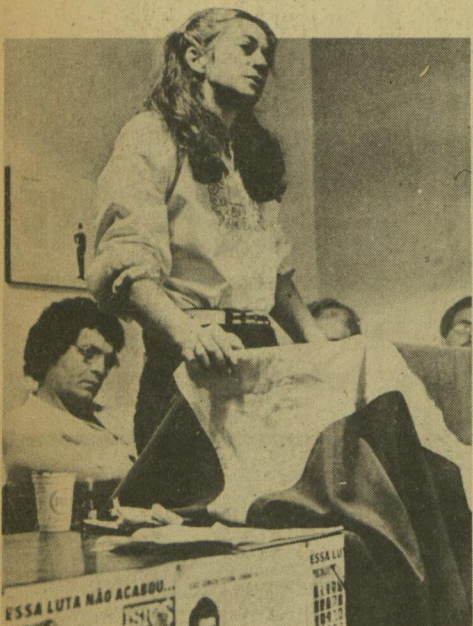
O debate durou mais de três horas e serviu para demonstrar o comportamento dos candidatos. Lisâneas Maciel do PT e Leonel Brizola do PDT se aproximaram mais ainda dos candidatos governistas Sandra Cavalcanti do PTB e Moreira Franco do PDS, centrando suas críticas no PMDB.

Lá pelas tantas, Miro Teixeira lembrou a participação de Sandra na chacinha de mendigos do Rio da Guarda, um dos acontecimentos de maior repercussão no governo Carlos Lacerda, entre 1960 e 1965. Desmascarada de público, a candidata tentou intimidar Miro. Exigiu que ele assinasse um documento, previamente elaborado, com a acusação para que ela pudesse processá-lo na justiça por injúria e difamação.

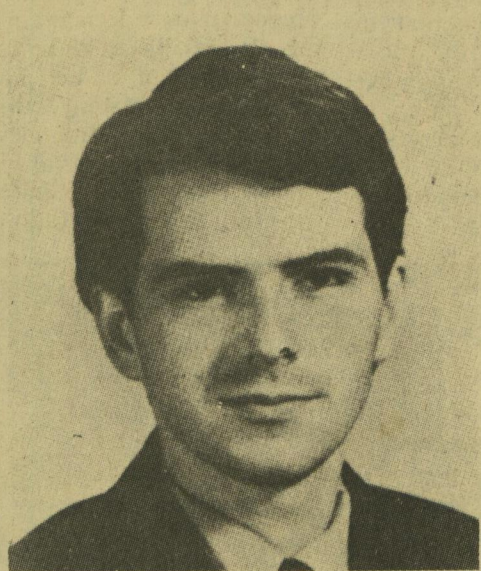
O candidato peemedebista manteve-se firme. Inicialmente afirmou que assinaria “até sem ler”. Mas pensando melhor no passado, nada recomendável, da candidata governista, fez uma pequena modificação para desativar uma armadilha montada pela lacerdistas no documento. Assim, o texto final firmado ficou o seguinte: “Acuso formalmente, perante todo o público e perante a justiça do Estado do Rio, a professora Sandra Cavalcanti de ser responsável pela chacinha dos mendigos do Rio da Guarda. Estou disposto a reiterar estas acusações nas barras dos tribunais”. Vergonhosa foi a postura dos candidatos do PT e do PDT. Brizola, que falou grosso durante toda a semana, dizendo que Miro ia fugir do debate, ficou calado e não se lembrou de engrossar a acusação ou subscrever o documento. Pior ainda foi Lisâneas, que tentando livrar a cara de Sandra intercedeu junto ao mediador do debate, para interromper o episódio.

ADVOGADO DO DIABO

A candidata governista contratou o advogado Artur Lavigne para entrar com uma representação até o final da semana no Supremo Tribunal Federal, dando início à ação pública, a ser movida pelo procurador geral da República. Lavigne foi advogado do famigerado Doca Street, no caso do assassinato de Ângela Diniz. Assim ele já tem experiência em defender assassinos e maus-caráteres, o que deve deixar Sandra mais tranqüila. Já Miro promete ir às últimas consequências na denúncia: “Se a senhora Sandra Cavalcanti entrar com um processo contra mim, como anunciou, será muito bom porque terei oportunidade de revelar outros fatos que se encontram esquecidos “como o arquivamento da CPI que investigava a matança, os casos de tortura naquela mesma época, incêndios deliberados, entre outros. É com episódios como este que o povo vai descobrindo quem é o candidato da oposição ao fascismo e ao arbítrio no estado. (da sucursal)



Suzana fala sobre o marido no ato em SP. Acima: Luis, o revolucionário assassinado



Suzana fala sobre o marido no ato em SP. Acima: Luis, o revolucionário assassinado

Homenageado combatente que a ditadura matou

Luis Eurico Tejera Lisboa, diretor da União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas em 1967-68, desaparecido em setembro de 1972, foi homenageado em 2 de agosto último na Associação Brasileira de Imprensa, em São Paulo. No mesmo dia nova homenagem foi organizada em Porto Alegre, onde reside sua família e para onde foram trasladados seus restos mortais.

O corpo de Luis Eurico foi encontrado no cemitério de Perus, em São Paulo, com o nome de Nelson Bueno, que usava em sua militância na Ação Libertadora Nacional, graças ao esforço incansável de sua esposa, Suzana Lisboa, e do Comitê Brasileiro de Anistia de São Paulo. As circunstâncias de sua morte não foram esclarecidas. Segundo informações governamentais ele teria se “suicidado”. Mas como afirma sua companheira, “esta tem sido a versão da ditadura para explicar a morte de muitos militantes políticos, como Vladimir Herzog e Manuel Fiel Filho. Tenho a convicção de que ele não se suicidou e a esperança de um dia poder responsabilizar a União por mais este assassinato”.

O corpo de Luis Eurico foi o primeiro a ser encontrado enterrado com nome falso. É esta descoberta, como afirma Luis Eduardo Greenhalgh, dirigente do CBA/SP — nos leva a crer que os 150 “desaparecidos” nestes anos de ditadura encontram-se na verdade mortos”.

A homenagem a Luis Eurico foi uma homenagem a todos os mortos e desaparecidos, todos os que tombaram na luta por um Brasil melhor, sem explorados e exploradores. A exigência intransigente do esclarecimento de todas estas mortes e desaparecimentos significou, sobretudo, manter erguida a bandeira que eles levantaram, já que como afirmou Suzana Lisboa, “a democracia não pode ser construída sobre os corpos insepultos dos desaparecidos e a impunidade dos torturadores”. E seguir neste caminho com a mesma dignidade da mãe de Luiz Eurico, dona Clélia Lisboa, que declarou: “Não choro de pena de meu filho, pois prefiro vê-lo morto, uma e mil vezes, a tê-lo longos anos a meu lado numa inconsciência inútil, estúpida e criminoso”.

(Olívia Rangel)



Cédula gigante usada pelo PMDB na campanha contra o voto nulo em SP

Campanha para votar certo, contra o PDS

Na última semana o governo militar impôs ao Congresso Nacional a cédula oficial que será utilizada nas eleições de 15 de novembro. A cédula dificultava a votação e objetivava anular o maior número de votos, diminuindo, assim, a derrota eleitoral do PDS. Em todo o país a oposição, agora, se mobiliza para esclarecer o povo sobre como não anular seu voto.

Todos sabem que o índice de analfabetismo no país é alto, e que as pessoas simples têm dificuldade de escrever inclusive o próprio nome. Foi levando isso em conta que o governo impôs ao eleitorado uma cédula onde os nomes ou os números de todos os candidatos têm que ser escritos. Além disso, na cédula não consta espaço para a inscrição da sigla do partido, e como é obrigatório o voto em candidatos de apenas um partido (caso contrário o voto será anulado), mais uma dificuldade aparece na frente do eleitor para ver válido seu voto.

Diante dessa situação, em todo o país os partidos tratam de realizar campanhas para elucidar a população sobre como não anular seu voto. Uma campanha

JUSTIÇA ELEITORAL	
PARA GOVERNADOR	
NOME <i>Franco Montoro</i>	OU Nº
PARA SENADOR	
NOME <i>Almino Affonso</i>	OU Nº
PARA PREFEITO	
NOME <i>Mário Ladeira</i>	OU Nº
PARA DEPUTADO FEDERAL	
NOME <i>Amélio Peres</i>	OU Nº
PARA DEPUTADO ESTADUAL	
NOME <i>Benedito Cintra</i>	OU Nº
PARA VEREADOR	
NOME <i>Francisco Hélio</i>	OU Nº

Voto válido, de São Bernardo

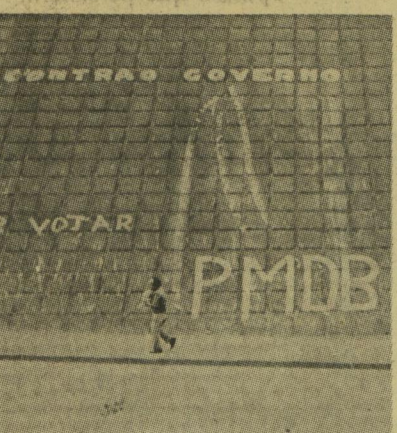
necessária, pois ao povo interessa que seu voto contra o governo tenha validade. Iniciativas como a do Bloco Popular do PMDB em Goiás, que formou os Centros de Orientação Eleitoral em casas de populares nos bairros, ou do PMDB paulista, que levou um modelo de cédula gigantesco para “dar aulas” de voto em praça pública, ganham força no país.

A convenção do PMDB em Brasília foi um sucesso

A primeira convenção eleitoral do PMDB de Brasília foi um grande sucesso. Mais de 2.500 pessoas passaram o último dia de agosto no Círculo Operário da cidade de Taguatinga. O regime militar não permite que a cidade escolha seus próprios representantes. Esta luta foi o grande tema da convenção.

Antes da convenção um caminhão da escola de samba do Bloco Popular do PMDB puxava um desfile com mais de 100 carros. A escola contava o samba “Brasília quer votar”, que o povo repetia nas ruas.

Estiveram presentes os candidatos a governador Gilberto Mestrinho, do Amazonas, e Alberto Silva, do Piauí. Aldo Arantes, candidato a deputado federal por Goiás, foi um dos oradores mais aplaudidos. Defendeu organização popular dentro do PMDB e se comprometeu



Povo de Brasília quer ter representantes

publicamente com a luta pelo direito de voto dos moradores de Brasília. Ao fim de seu discurso foi carregado pelos presentes ao som do refrão: “Vai avançar, vai avançar, a unidade popular. Vai acabar, vai acabar, a ditadura militar”.

No final da convenção os dirigentes do PMDB local estavam exultantes. A luta pela representação política de Brasília foi revigorada e ganhou novos e importantes aliados. A campanha foi para a rua.

PMDB-Brasília sabe conquistar votos

O Bloco Popular do PMDB de Brasília, que apóia várias candidaturas populares, puxadas pela candidatura de Aldo Arantes a deputado federal, está usando uma tática nova e com resultados surpreendentes.

Todos os fins de semana, sai de Brasília uma equipe formada por 50 membros do Bloco Popular para visitar as cidades satélites de Brasília e os municípios próximos. Essa equipe faz visitas na maioria das casas do lugar, distribuindo um folheto sobre a importância das eleições e convoca a população para uma reunião na casa de um dos moradores.

Nessas reuniões o povo toma consciência das dificuldades de se fazer uma campanha popular, sem os recursos empregados pelos políticos tradicionais. A equipe pede autorização às pessoas para pichar as paredes de suas casas e a receptividade tem sido grande. Mais de 80% aceitam a pichação e com grande entusiasmo. “Pode pichar! Aqui somos todos do PMDB”. “Picha, mas escreve aí que somos contra o governo!”, assim têm reagido os moradores. A tática é um sucesso. As primeiras reuniões já contam com 50 ou 60 moradores do local que depois ficam encarregados de continuar o trabalho.

Esclarecimentos:

Em vários estados, como Amazonas e Rio de Janeiro, bandos fascistas estão divulgando panfletos usando o nome da Tribuna Operária, visando

incompatibilizar este jornal com os democratas e patriotas. Nós tribuneiros, somos defensores ardorosos da mais ampla liberdade e democracia e não serão esses panfletos que irão denegrir essa nossa imagem junto ao povo.

Se Delfim não gosta do PMDB...



Delfim Neto foi quem menos gostou das resoluções que o PMDB tomou em Brasília, numa reunião com a direção nacional, todos os candidatos a governador, os candidatos a vice e a senador pelo partido. Chamou as propostas oposicionistas para a economia de “documento terrível”, “verdadeiro purgante”, “bestialógico” e daí por diante. E para o eleitor brasileiro, se Delfim acha o PMDB tão ruim é porque deve ser bom mesmo.

No campo político, os candidatos aprovaram um “Compromisso Democrático do PMDB” com a participação popular nas decisões, a justiça social, a moralização da coisa pública e a soberania nacional, “desmoralizando assim — segundo suas palavras — a intriga da desagregação do partido após 15 de novembro”. O compromisso de permanecer no maior partido da oposição mesmo após as eleições foi incluído por insistência dos deputados Francisco Pinto e Miro Teixeira. E a reunião avalia que o PMDB deverá fazer os governadores de pelo menos 15 estados nas eleições.

Napoleão anda nervoso

Hugo Napoleão, candidato do PDS ao governo do Piauí, foi corrido da praça pública pelo povo de Piripiri, no interior do estado, e nem dentro do clube local pode falar, tamanha era a vaia. No reboleio, apagaram a luz e o candidato levou até uns tapas. Comenta-se que Napoleão agora anda nervoso, bebendo e até chorando devido à oposição dos piauienses. Nos cartazes de propaganda, onde ele aparece sorrindo, tem sempre alguém para escrever: “Rindo da miséria do povo”.

PDS foge

No “Ponto de Cem Réis”, centro de João Pessoa, os paraibanos botaram para correr dia 24 um carro de som de propaganda do PDS. Os pedestres nem acabaram os discursos, puseram a viola no saco e fugiram, enquanto o povo os chamava de ladrões, gritava o nome de Mariz, candidato da oposição, e dizia: “Se eles voltarem a gente bota pra correr de novo”.

As duas medidas do TRE

O Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe, numa decisão inédita, proibiu pichações, faixas, cartazes e comitês eleitorais no estado. A proibição não vale para o PDS, que já pichou e encheu de cartazes até os ônibus de Aracaju. Mas em troca o juiz eleitoral mandou arrancar uma faixa da casa do combativo vereador peemedebista Bosco Mendonça! O povo é que não engole essa. Solidorizou-se em massa com Mendonça, e até já apedrejou um dos ônibus pró-PDS, no bairro do Bugio.

Tomates para o governo

No “Edifício Flamboiant”, Aracaju, o PDS conchavou com o síndico um comício sem consultar os moradores. Dia 26 o prédio amanheceu tomado por uma enorme comitiva governista. Mas alguns moradores consultaram seus vizinhos, de porta em porta, e o repúdio foi tamanho que o PDS bateu em retirada. Havia até gente armada de ovos e tomates contra o governo.

Paz só com comida

O general Figueiredo e seus colegas do PDS foram intensamente vaiados, mais uma vez, num comício dia 26 em Uberlândia, Minas Gerais. Figueiredo mal conseguiu falar; quando disse que sua obra era de “paz social” um popular respondeu na hora: “Paz social só com cinco quilos de linguça na hora do almoço”. E tome vaia.

O povo sabe escolher

O Jardim Macedônia, na periferia paulistana, havia sido tomado pelos cartazes do PDS. Mas no dia 28 o metalúrgico Arnaldo Alves, candidato a vereador pelo PMDB, visitou o bairro, fez uma reunião na rua com mais de 200 pessoas, denunciou o entreguismo, a corrupção, a carestia, o desemprego que os militares impuseram. Não deu outra: assim que Arnaldo acabou de falar, os moradores arrancaram todos os cartazes do PDS da rua...

Colônia árabe com Télia

Télia Negrão, candidata a deputada estadual pelo PMDB paranaense, esteve importante apoio da colônia árabe do seu estado. Ela não é de origem

árabe, mas destaca-se pela sua posição de denúncia dos crimes do nazifascismo israelense, sobretudo na última agressão ao Líbano.

Aldo reúne 2 mil

O ex-presidente da UNE Aldo Rebelo, que concorre à Câmara Federal pelo PMDB paulista, inaugurou dia 26 com um comício de 2 mil pessoas o seu comitê em Piracicaba junto com o candidato a vereador Tadeu Ribeiro. À noite, num debate interpartidário, Aldo cortou as asas do arbitrário representante do PDS e chamou o povo a votar em bloco contra o governo.

Assassinato impune

Roberto Faulichi, irmão do candidato do governo à Prefeitura de Taubaté, São Paulo, ainda não foi julgado pelo assassinato, em janeiro, do comerciante Paulo Ferreira. O PDS conseguiu adiar o julgamento, para salvar seu candidato do escândalo que a imprensa local tenta abafar.

PT cria tumulto no Acre

Nilson Mourão, candidato a governador do Acre pelo PT, criou tumulto dia 29 na eleição da Associação das Lavadeiras. Chegou a agarrar e ameaçar a lavadeira Margarida Camilo, por apoiar uma chapa que não era a sua, e terminou tendo que ser mandado embora do local da votação. Outro petista que badernou a eleição e quiz até sair para a briga foi o grande comerciante Habraim Farhat, sobrinho do ex-ministro e candidato a senador do PDS, Said Farhat.

Consequências funestas

Um “grande comício” do PDS no bairro Bebedouro, Maceió, terminou na noite do dia 29 sob uma chuva de pedras e latas de cerveja jogadas pelo povo. Na confusão, um pedesta terminou alvejando um popular com seu revólver, e recebeu o troco também em bala. No dia seguinte, o governo aparecia na TV falando das “consequências funestas” da campanha.

PMDB jovem no sertão

Em Água Branca, sertão de Alagoas, onde nunca existiu oposição organizada, o PMDB Jovem foi fundado há apenas um mês e já mobiliza 60 rapazes e moças na campanha contra o governo. Destaca-se a juventude do povoado de Pariconha, que já virou reduto oposicionista. Também no município de Delmiro Gouveia o PMDB Jovem foi lançado por 200 pessoas.

Menor não vota mas luta

Menores de 18 anos não podem votar, mas podem participar da campanha eleitoral. Na Vila Mariana, eles montaram um Comitê de Secundaristas em apoio a Valter Feldman, candidato do PMDB paulista a vereador. E explicam: “Se uma pessoa de 16 anos pode ser condenada pela Lei de Segurança Nacional, por que não participar da campanha para derrotar nas urnas o governo militar?”

Resende é da oposição

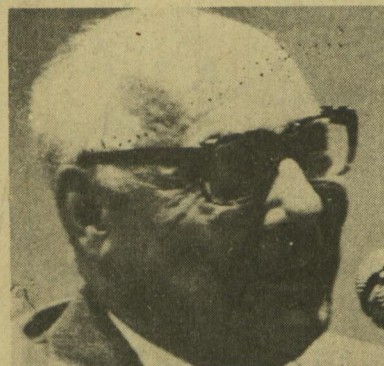
Resende, no Rio de Janeiro, além de sede da Academia Militar das Agulhas Negras, é forte reduto oposicionista. O povo não perdoa o regime militar e mais de 5 mil pessoas prestigiaram o último comício do PMDB, com batucada, cantoria e muita gente.

Ajude José Duarte nesta luta!

José Duarte, operário ferroviário, criador de vários sindicatos e associações populares, com 75 anos de idade e 59 anos de militância comunista, encontra-se internado após duas intervenções cirúrgicas no Hospital Sírio Libanês de São Paulo.

Duarte participou com destaque das mais importantes batalhas travadas pelo povo brasileiro neste século. Já foi preso 32 vezes, enfrentando a tortura e a morte.

Seus familiares, amigos e companheiros de luta apelam aos trabalhadores e democratas para que enviem apoio material para custear as despesas do tratamento. As contribuições podem ser enviadas para as sucursais deste jornal.



José Duarte enfrenta nova luta

A vitória dos petroquímicos e químicos baianos

Os trabalhadores da indústria química e petroquímica da Bahia conquistaram uma significativa vitória na campanha salarial deste ano: 4% para quem recebe até 3 salários-mínimos; 3% para até 10 salários-mínimos e 2% para até 15 salários-mínimos. Arrancaram dos patrões, ainda, o reajuste trimestral, além de outras conquistas da convenção de 1981.

Para conseguir essa vitória os operários tiveram que enfrentar o patronato, apoiado pelo governador Antônio Carlos Magalhães e pelo Palácio do Planalto, que tentou intimidar e difamar o Sindicato. Mas os trabalhadores responderam com a greve total nas fábricas Pronor, Isocianatos e Tibras e greve de fome em 18 fábricas.

(da sucursal)

Professores não aceitam arbítrio do governo gaúcho

Mais de mil pessoas participaram do ato em defesa do Centro dos Professores do Rio Grande do Sul (CPERS), dia 24 de agosto, na Assembléia Legislativa, em Porto Alegre. O CPERS sofreu um ato arbitrário do governador gaúcho Amaral de Souza, que baixou uma portaria no sentido de não mais descontar em folha a contribuição dos professores a esta entidade.

Jussara Cony, candidata a vereadora presente ao ato, afirmou que "é tarefa de todos os que lutam contra o arbítrio se mobilizar em defesa do Centro dos Professores, contra este ato agressivo do incompetente Amaral de Souza". O ato do dia 24 contou com a participação das mais diversas entidades democráticas do estado.

(da sucursal)

Bancários vão a proposta dos patrões na Bahia

Os bancários baianos, em campanha salarial, estão exigindo 15% de produtividade, creches, anuênio de Cr\$ 2.400,00, salário ingresso de Cr\$ 52 mil para escriturário e Cr\$ 47 mil para portaria. Mas os banqueiros negam-se à negociação, e só aceitam dar 5% de produtividade. Na assembléia em que foi anunciada a proposta patronal, os trabalhadores a receberam com vaias e fizeram uma passeata pelas ruas de Salvador. Voltando ao trabalho, os bancários passaram à "operação marcha lenta" e "operação fecha bancos" (não permitindo o funcionamento do banco após 16h30m, conforme a lei). A mobilização ainda não é muito forte, mas vem crescendo. Na assembléia do dia 28 havia 500 bancários.

(da sucursal)



Flávio Patricio e Neiva Martins são pela unidade do movimento estudantil

Estudantes paulistas farão congresso no ABC

Nos dias 17, 18 e 19 de setembro se realizará em São Caetano do Sul o 4º Congresso da União Estadual dos Estudantes de São Paulo, UEE. O acontecimento se reveste de grande importância porque deverá definir para onde tenderá o maior centro estudantil do Brasil a menos de duas semanas do Congresso da União Nacional dos Estudantes, a UNE, numa situação política conturbada no país.

A atual diretoria da UEE e o movimento estudantil como um todo enfrentaram difíceis tarefas no decorrer deste ano, como a luta contra a expulsão de Francisco Javier Alfaya, presidente da UNE. O movimento ganhou força entre os setores democráticos. Mas a mobilização do estudantado ficou bem aquém das necessidades.

Alertada, a diretoria resolveu arregaçar as mangas, procurando analisar o porquê das dificuldades do movimento estudantil no estado. E se deparou com uma realidade bastante complexa. O estado tem precisamente 596 entidades. E não é fácil ter contato com elas, com uma diretoria composta por poucos membros e onde nem todos assumiram suas funções. As dificuldades financeiras são as mesmas que afetam todos os movimentos e entidades populares e democráticas.

ENTIDADE É DE TODOS

Como ressalta o atual diretor de Esportes da UEE, Flávio Patricio, a ligação com essas entidades é difícil, mas indispensável. "Basta dizer que a maioria dos estudantes paulistas encontra-se dispersa pelo interior. Por isso não podemos trabalhar apenas na capital". Aliás a atual gestão, em que pesem estas debilidades, conseguiu realizar o maior Conselho de Entidades Estaduais de toda a história da UEE, reunindo 156 entidades. E deu palestras em faculdades de 23 cidades do interior, discutindo principalmente a questão do combate ao ensino pago.

Neiva Dourado Martins, estudante de Ciências Políticas em São Caetano, acha que a entidade precisa também estar mais presente nas lutas específicas dos estudantes, como o problema

das sobre-taxas, que ela enfrenta em sua escola. "É por aí que vamos mobilizando os estudantes e levando as questões mais gerais, como a luta por liberdades políticas" — afirma ela.

Outro problema grave é a evasão escolar, causada em grande parte pela crise das escolas particulares, que congregam a maioria dos estudantes. "Muitos estabelecimentos estão fechando — afirma Carlão, presidente da UEE. É por isso que defendemos subsídios governamentais para estas escolas e suplementação de verbas para as escolas públicas. E o apoio para estas lutas é muito grande. Numa assembléia que realizamos recentemente em Piracicaba sobre esta questão com 1.500 alunos, apenas oito se pronunciaram contra".

Mas o principal problema do movimento estudantil é que algumas correntes, identificadas com a atual diretoria do DCE da USP realizam uma verdadeira cruzada contra a UEE e a UNE, movidos apenas por interesses eleitorais. Carlão comenta que existem correntes "que nos boicotam até nos debates" cortando o elo da entidade com as principais escolas do estado. "As entidades precisam estar acima destas divergências, que de resto afetam uma pequena minoria dos estudantes. Eles se unificam é nas propostas majoritárias, como a luta contra o ensino pago, pela naturalização de Javier, etc." E o movimento estudantil só resolverá seus problemas se todos trabalharem nas entidades, apesar das diferenças de opinião que persistem.



Carlão, presidente da UEE de São Paulo



Movimentação na Sofunge obtém vitórias parciais

Onda de greves contra demissões em S. Paulo

Cresce a onda de greves dos metalúrgicos paulistas contra o desemprego. No dia 31 de agosto foi a vez dos 3.500 operários da Monark entrarem na empresa e cruzarem os braços. A firma havia demitido 100 metalúrgicos e os operários paralisaram o serviço exigindo a readmissão e estabilidade de um ano. Até o momento a firma se recusa a negociar e tenta intimidar os funcionários. Um capanga da Monark, o Alemão, pôs fogo em duas latas de tinta, insinuando que os operários queriam incendiar a fábrica. Só que foi pego em flagrante e levou uma surra. Segundo o deputado do PMDB, Aurélio Peres, que tem estado de madrugada na Monark, "o ânimo do pessoal é grande. Há muita combatividade e união".

Já na Sofunge os operários responderam à demissão de 164 companheiros realizando uma manifestação de dois mil na frente da empresa. Ameaçada de greve, a firma negociou, concedendo vitórias significativas aos funcionários: estabilidade até fim de novembro e pagamento de três a quatro avisos prévios aos demitidos.

Na Motores Brasil, depois de uma greve de três horas devido a 27 demissões, os patrões fizeram um acordo que previa estabilidade. Só que no dia 3 último negaram o acordo. Para evitar que os operários entrassem em greve na hora do almoço, os patrões fecharam as portas da empresa. Tudo indica que na sexta os operários entram em greve.

Manobra divisionista é derrotada em São Paulo

As manobras de divisão do movimento sindical foram enterradas, pelo menos por enquanto. A pequena representatividade da reunião sindical dos dias 28 e 29 de agosto em São Paulo — feita à revelia da Pró-CUT — inviabilizou as propostas divisionistas. Contribuiu para isto o bom senso de alguns sindicalistas que lá foram para conchamar pela unidade.

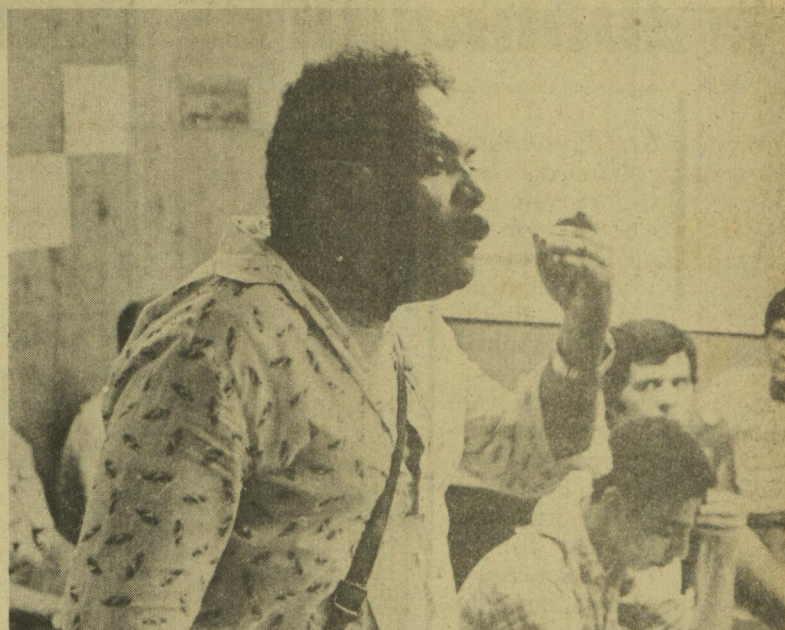
Apesar da maioria dos presentes ao encontro pertencer à corrente sindical petista, houve grandes divergências e momentos de acirramento. Desde o início sete intersindicais reconheceram que a reunião não poderia decidir nada sobre o movimento sindical nacional, sendo apenas mais um "fórum de reflexões". E concluíram que o único fórum capaz de unificar o sindicalismo e partir para realização de um Conclat unitário é a reunião da Pró-CUT, nos dias 11 e 12 de setembro em Brasília.

Apenas a intersindical de São Paulo propôs que esta articulação paralela substituisse a Pró-CUT e organizasse um congresso este ano. Cegos, sem notar a fraqueza da reunião, persistiam no ímpeto divisionista. Mesmo sabendo que o congresso este ano está inviabilizado, já que não conta com o apoio dos trabalhadores rurais e de vários estados, ameaçaram: "Quem for pela Conclat em 83 é pelego e reformista", como afirmou Gilmar Carneiro, diretor do Sindicato dos Bancários.

Imediatamente foi rechaçado. Montini, dos bancários gaúchos, afirmou irritado: "Nós somos contra o peleguismo, mas também não aceitamos o porralouquismo". E Paulo Paim, dos metalúrgicos de Canoas, acrescentou: "Eu não admito que venham aqui taxar os outros de reformistas só porque discordam de suas idéias. Temos que ter os pés no chão".

QUESTÕES MENORES

A visão plurisindicalista ficou mais clara quando um grupo de



Abdias dos Santos: um dos que defendeu a unidade

ativistas propôs que nenhuma intersindical participasse da reunião da Pró-CUT, alegando que ela é ilegítima. Como desculpa utilizou-se do fato da Pró-CUT ter convidado os "pelegos" das Confederações para lá estarem. Armando Rolemberg, da Pró-CUT, respondeu: "Como questionar a Pró-CUT se aqui não estão importantes estados, como o Rio, Minas e Brasília? É falacioso dizer que a reunião de setembro está atrelada ao governo só porque foram convidadas as Confederações. São apenas oito e não interferirão no colégio lá presente". Preocupado, concluiu:

"Temos que participar da reunião da Pró-CUT, sob pena desta corrente ser chamada de divisionista". Conclamando à unidade falou Abdias dos Santos, dos metalúrgicos de Niterói: "Pela unidade do movimento sindical temos que deixar de lado as paixões e o partidário mo".

O encontro aprovou a participação na reunião da Pró-CUT, reivindicando a ampliação dos critérios de representação: dez por intersindical, ao invés de três. Muitos ficaram descontentes. Para Montini "enquanto as cúpulas discutem questões, os trabalhadores enfrentam o desemprego, a superexploração e o achatamento salarial". Outro, que preferiu não se identificar, comentou: "Foi incorreto fazer esta reunião. A sorte é que predominou o bom senso e não a divisão".

(Altamiro Borges)

Evitar novas manobras

Esvaziada a articulação divisionista da corrente petista o movimento sindical caminha para sua unificação.

A reunião da Pró-CUT cabe este papel. Para que isto ocorra efetivamente o imobilismo e o golpismo da Pró-CUT, que adiou o Conclat, deve ser criticado com firmeza.

Afinal esta prática é que abre brechas para os defensores do plurisindicalismo.

Para que novas manobras não ocorram é também necessário que na reunião de Brasília se fixe definitivamente a data do Conclat unitário. Se isto não for bem amarrado, corre-se o risco de novas manobras dos reformistas, pelegos e petistas. Fica a pergunta: quem organizará o Conclat?

A maioria dos membros da Pró-CUT já demonstrou que não está disposta a realizar um congresso à altura do estágio de luta dos trabalhadores. Mas, por outro lado, o único fórum com poderes para eleger uma nova Pró-CUT é um novo Congresso das Classes Trabalhadoras. Além do que esta Pró-CUT precisa ser julgada por seu imobilismo e nada melhor do que o Conclat com delegações de todo país para julgá-la.

Para criar as condições de infraestrutura necessárias ao Conclat é urgente que se eleja uma Comissão Organizadora. Formada por sindicalistas comprometidos com a luta dos trabalhadores, juntamente com a Pró-CUT, esta comissão encaminhará as medidas práticas para um Congresso massivo e representativo.

O pequeno peso da reunião paralela

Somente oito intersindicais de todo país reconheceram a reunião paralela de São Paulo como fórum de debates do movimento sindical. Sendo que destas, apenas duas a partir da decisão dos seus Enclats — São Paulo e Rio Grande do Sul. Esvaziada a reunião, frustraram-se as expectativas divisionistas que queriam fazer a articulação substituir a Pró-CUT.

A Pró-CUT Estadual de São Paulo foi quem encabeçou a articulação, a partir de um Enclat que decidiu por apenas dois votos de diferença que devia haver um congresso dos trabalhadores este ano. Já as outras sete intersindicais participaram do evento com o intuito de conchamar à participação na reunião da Pró-CUT.

Goiás, Espírito Santo, Pará, Paraíba e Santa Catarina participaram da reunião divisionista através de decisão da executiva das intersindicais, sem a convocação das plenárias sindicais. Como alertaram alguns membros da Intersindical goiana "esta posição não reflete o anseio do movimento sindical do estado". Já os delegados do Paraná foram escolhidos de forma mais estranha ainda: como no estado não há uma intersindical, eles foram escolhidos por um tal "movimento Pró-Enclat".

Também estiveram presentes ao encontro como observadores delegações de Minas, Rio, Ceará, Bahia e Brasília, onde as intersindicais (e no caso de Minas o próprio Enclat) não reconheceram a reunião como fórum unitário de deliberação. A incumbência destes observadores, na maioria dos casos, era chamar as intersindicais presentes para participarem da reunião da Pró-CUT. Alguns sindicalistas que se diziam representantes de Alagoas e Pernambuco foram pegos de surpresa: os Enclats nos seus estados, realizados no mesmo fim-de-semana, desautorizaram a reunião e decidiram participar da reunião de Brasília.

Alagoanos realizam II Enclat

Com cerca de 100 delegados de mais de vinte entidades sindicais, realizou-se nos dias 27, 28 e 29 o II Enclat (Encontro das Classes Trabalhadoras) de Ala-

goas. A plenária aprovou que o II Conclat seja realizado em abril ou maio do ano que vem. Ao mesmo tempo criticou o imobilismo da Pró-CUT e deci-

diu que na reunião da Pró-CUT deve ser formada uma Comissão Organizadora do Conclat, integrada pelos sindicalistas mais destacados de cada estado. Um reduzido grupo de ativistas do PT tentou impor que a Pró-CUT é ilegítima, mas foi derrotado.

Com relação às eleições de novembro decidiu-se realizar campanha contra os candidatos inimigos do povo. Foi formada uma intersindical composta de oito sindicatos e uma associação, que tem como primeira tarefa unir os três representantes do estado para reunião da Pró-CUT. O Enclat de Alagoas foi dirigido por Sérgio Barroso, diretor do Sindicato dos Médicos (da sucursal)



Plenário votou pelo Conclat em 83



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Filho do prefeito ameaça trabalhadores com fuzil

A rede elétrica da área rural de Pombal, na Paraíba, necessitou de reparo. Tiveram que desligar a energia por 15 minutos para consertar o defeito. Furioso, o filho do prefeito da cidade, Paulo Pereira Filho, chegou à subestação de fuzil na mão, gritando com o encarregado, Edvaldo Nuneam querendo obrigá-lo a ligar a luz enquanto os operários estavam fazendo o reparo num local distante e sem comunicação com a subestação. Paulo começou a atirar no telefone e em tudo que via pela frente. E afirmou que se Edvaldo não ligasse a luz atirava nele.

Apavorado, Edvaldo resolveu ligar a luz, sabendo que podia matar 6 companheiros que estavam fazendo reparos na fazenda São João, a 15 kms da subestação. Felizmente os operários já haviam terminado.

O prefeito ameaçou Edvaldo para que nada fosse divulgado. Como o capitão da PM Raimundo já havia aberto processo para apuração do caso, também foi ameaçado de morte pelo prefeito do PDS.

A subestação da Soelva que tem sede em Patos e é controlada pelo PDS também se calou porque isso seria um escândalo para o Partido governista, que já está muito desmoralizado na região. É



interessante que Paulo Pereira Filho, já tem processo na Polícia Federal por desrespeito à Polícia Rodoviária. (Amigos da Tribuna em Pombal — Paraíba)

Candidato a vereador denuncia terrorista

Escrevo para denunciar a picaretagem de um certo elemento de Anápolis, ligado aos movimentos de extrema direita, coordenado pelo PDS. Esse indivíduo é conhecido em Anápolis, pois na época em que era vereador arrombou a Câmara Municipal desta cidade. Hoje continua aprontando e desrespeitando todos os trabalhadores militantes do PMDB.

Trata-se de Ananias Braga, que empregou toda sua família em cargos públicos, tanto na área estadual quanto municipal. Para defender os empregos de seus apadrinhados, ele sai pelas madrugadas adentro obrigando os humildes funcionários da prefeitura a compactuar com seus

crimes, como o de destruir toda a propaganda do PMDB e demais partidos de oposição.

Entre outras de suas "travessuras", Ananias Braga tentou agredir militantes do PMDB que faziam colagem de cartazes eleitorais. Na última terça-feira (17 de agosto) ele tentou novamente agredir os companheiros do Bloco Popular do PMDB. Mas não fica só nisso. Ele sai pelas madrugadas tentando atropelar os fixadores de cartazes, aterrorizando todos os voluntários da luta pelo fim da ditadura militar e dos fascistas do tipo de Ananias Braga. (José Escobar, candidato a vereador pelo PMDB de Anápolis, Goiás)

Internos fazem greve para melhorar hospital

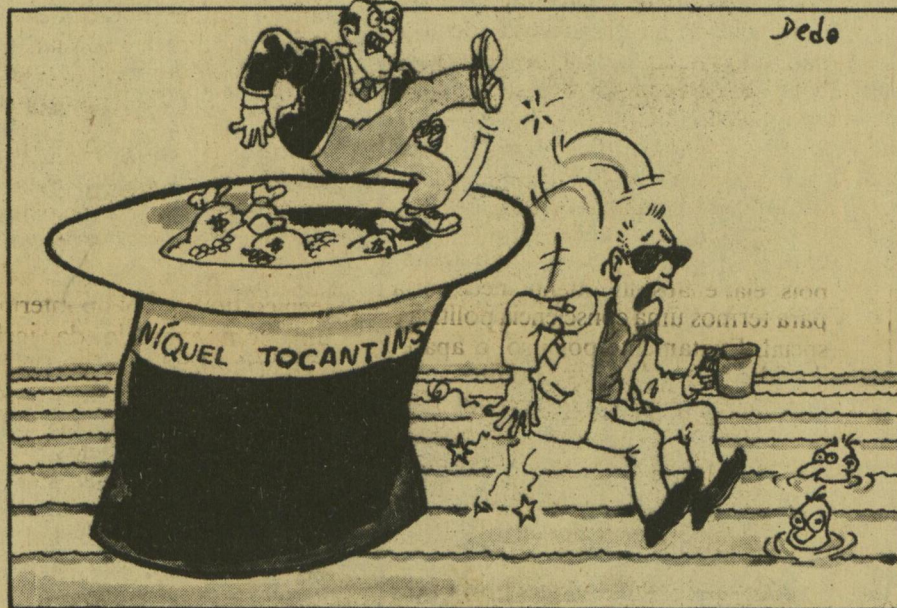
Os internos do Hospital São José, especializado em doenças infecto-contagiosas, único deste gênero no estado do Ceará, entraram em greve no dia 13 de agosto. Reivindicavam melhoria para o funcionamento do hospital, que de há muito vive uma situação caótica.

Médicos e internos não têm segurança no trabalho porque faltam máscaras, batas, gorros e luvas para o manuseio dos pacientes. Há 25 dias quatro internos foram contaminados quando cuidavam de um paciente com hidrofia (raiva). A ambulância não se encontra sempre à disposição do paciente, tendo os médicos e internos que transferir os doentes em seus próprios carros.

O prédio encontra-se em péssima condição de funcionamento. Faltam lençóis e algumas vezes medicamentos para os pacientes. O corpo de

enfermagem é limitado não podendo prestar assistência ao grande número de doentes internados no hospital com meningite, raiva, difteria, septicemia etc. Segundo informação de um funcionário do hospital somente no ano passado foram internados 20 casos de raiva.

Os internos que reivindicavam melhoria para o funcionamento do hospital estiveram em greve por cinco dias, tendo terminado o movimento com a promessa da diretoria do hospital e da Secretaria de Saúde de atender às reivindicações. Além da disposição de luta dos internos, muito contribuiu para a vitória o apoio prestado por diversas entidades, como o Sindicato dos Médicos, Associação Médica Brasileira, Centro Médico Cearense e Associação de Médicos Residentes. (Grupo de Apoio à TO no Hospital — Fortaleza, Ceará)



Níquel Tocantins acelera rotatividade

A Companhia Níquel Tocantins é uma empresa que nasceu com muita força; mas junto nasceram também a insegurança e o desespero dos empregados.

Uma das causas disto é a rotatividade abusiva. A empresa procura justificar as demissões e a rotatividade dos empregados alegando dificuldades econômicas e de comercialização de seus produtos. Isso é falso, pois a Níquel Tocantins é a única empresa do gênero na América Latina. O níquel, seu principal produto, não tem dificuldade de ser vendido no mercado. Apesar disso nos últimos dias a rotatividade aumentou, principalmente nas áreas de produção.

Além da insegurança, o que mais preocupa é a forma arbitrária como a empresa demite os companheiros. E como se não bastassem esses abusos, a empresa não oferece condições para

trabalharmos tranquilos, como restaurante, médico, taxa de insalubridade.

Outro absurdo é o sistema de revezamento. Trabalhamos 7 dias para folgarmos 1 dia; ou seja, trabalhamos 56 horas semanais, quando o garantido por lei é 48 horas. E foram os patrões que fizeram esta lei.

Por isso os trabalhadores da Níquel Tocantins e de todo o grupo Votorantim devem unir-se para resolver seus problemas. Vamos citar um exemplo: a esposa de um companheiro ficou doente e ele, em dificuldades financeiras, pediu dinheiro emprestado à empresa para depois ser descontado de seu salário. A empresa negou. Sabendo disso, os companheiros fizeram uma lista de arrecadação e em poucos minutos puderam entregar dinheiro ao companheiro. (Operários da Níquel Tocantins — São Paulo, SP)

Lavrador leva tiro em terras do governo

Por volta de 1875 o governo comprou uma grande quantidade de terras em Vassouras, pertencentes à família Paes Leme. Há mais de 20 anos alguns posseiros estão morando e cultivando nessas terras. Depois de todo esse tempo chegaram alguns descendentes da família Paes Leme, se intitulando donos das terras e querendo expulsar os posseiros. Uma tal de Mariza diz ser esposa de Jorge Betim Paes Leme e vem ameaçando os posseiros através de jagunços.

O posseiro Mário Cesar Silveira, sentindo-se ameaçado e sem forças para lutar, resolveu vender seu sítio a um amigo também lavrador. O negócio foi feito às escondidas para que a tal Mariza não soubesse. Edésio Rocha, o comprador, também morador do local, foi logo trabalhar na sua terra. Quando Mariza soube mandou

jagunços lá para ameaçá-lo.

Os jagunços chegaram com um policial e destruíram sua plantação de 8 mil pés de banana e atearam fogo na casa. Enquanto isso acontecia, alguém foi chamar Edésio. Este perguntou ao jagunço por que foram chamá-lo, já que o fato estava consumado. O jagunço não gostou da pergunta e foi sacando a arma. Edésio perguntou ao policial se ia deixá-lo atirar. O policial disse que nada podia fazer. Edésio saiu correndo e o jagunço começou a atirar. Um dos tiros atingiu Edésio no calcanhar. O policial foi embora. Edésio foi para o hospital e um mês depois estava fazendo esta denúncia. Edésio é delegado sindical em Vassouras, abriu processo e vai averiguar tudo com o apoio do sindicato. (Grupo de Apoio à TO em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro)



fala o POVO

Ao que tudo indica, nossos leitores estão empenhados a fundo na campanha eleitoral, que terminará em 15 de novembro. Como afirmam diversas cartas, o povo compreende que estas eleições são um plebiscito, um voto de repúdio ao regime militar.

Cartas e mais cartas denunciavam os podres do partido governista e relatam o andamento da campanha nos Estados. É isso aí, minha gente! Vamos engrossar esta briga. A Tribuna está a sua disposição! (Olivia Rangel)

A Encol entende de concreto, armação e muita exploração

A Encol S.A. é uma empresa que só entende de concreto, de armação de exploração. Nós levantamos às 4 horas da manhã, temos que pegar o caminhão, que mais parece um caminhão de boiadeiro e lá começamos a trabalhar muitas vezes antes das 7 horas. Só largamos depois das 18 horas e ainda somos obrigados a trabalhar sábado e domingo nesse mesmo esquema. É uma exploração infernal, além disso, somos perseguidos pelos "homens do patrão". Abaixo a exploração, a miséria e a fome! (Um operário do núcleo de apoio da TO da Vila Água Branca, Goiânia, Goiás).

Reitoria da UMC retira máquina de xerox dos alunos

No dia 24 de agosto os estudantes da Universidade de Mogi das Cruzes se viram perplexos diante da atitude repressiva da Reitoria, que ordenou que seus capatazes invadissem a sala do Centro de Estudos dos alunos de Psicologia e retirassem de lá uma máquina xerox alugada por um Conselho de Entidades dos estudantes.

O motivo da invasão foi que o xerox fornecido pelo Centro sai a 5 cruzeiros, enquanto que o da Universidade sai a 10 cruzeiros, pois visa lucro, que é muitas vezes investido em candidatos do PDS.

Revoltados, cerca de 500 estudantes de diversas áreas da UMC se organizaram contra esta agressão e foram à sala do Reitor, onde conquistaram a volta da máquina e das mesas e cadeiras "retiradas". "Mesmo a vitória não estando garantida, foi um passo muito importante dado pelos estudantes. Somente unidos é que poderemos derrubar os mercenários da Educação neste país", afirma Ronaldo, diretor do Centro. (Núcleo de Apoio à TO na Universidade de Mogi das Cruzes — São Paulo)

Censura do governo tem hipocrisia e falso moralismo

A divulgação de produtos culturais, dentro do regime capitalista ditatorial em que vivemos, como esse "Coisas Eróticas", filme pornográfico em exibição nos vários cinemas de norte a sul do país, mostra o quão hipócrita é a censura do Governo Federal. Basta que um grupelho de "madames" da alta sociedade faça cara feia a um programa de TV, que logo os censores arranjam um jeito de podar uma frase aqui, outro diálogo acolá.

Não passou na Censura o filme de Roberto Farias, "Prá Frente Brasil", cuja temática abordava a repressão política instaurada no país desde 1964. Filmes pornó também foram censurados... Mas por que a liberação de "Coisas Eróticas", tão pornográfico como qualquer outro que não pode chegar às telas do Brasil?

Parece que a Censura atua por dois campos, procurando atender a Deus e ao Diabo. O falso moralismo é abastecido com o veto a obras pornográficas e supostamente atentatórias aos bons costumes e, junto com estas os filmes políticos, considerados perigosos à tão decantada segurança nacional; para que o sistema não pareça fechado, libera-se "Coisas Eróticas" e outros que virão, vestindo o governo com a capa de liberal, democrata etc. O cinema brasileiro perde com isso, que tem denegrida a sua imagem, apesar dos esforços constantes de embaixadas competentes e honestas. (Sebastião Lima — Maceió — Alagoas).

Prefeito do PDS rouba mestras no Maranhão

Tudo começou quando algumas professoras se movimentaram e descobriram que estavam sendo enganadas, pois o salário mínimo do Maranhão é de 13.920 cruzeiros e o sr. Prefeito só paga 1.800 cruzeiros, sem férias e muitos menos 13º salário. Consultaram um advogado e ele falou que elas tinham direito. Depois de muitas ameaças, sai o acordo: as

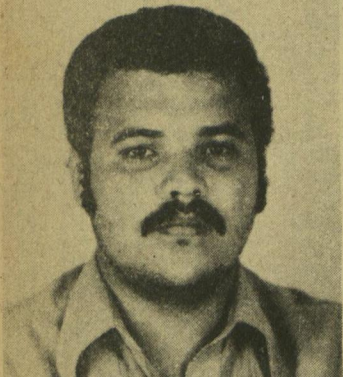
professoras em questão passaram a ganhar 5 mil cruzeiros e como indenização 20 mil cruzeiros. Apareceram tudo bem. Só que com este pessoal a traição anda na frente. E foi o próprio delegado que colaborou para que as professoras assinassem um recibo em branco, onde cita que com aquela indenização estariam demitidas de comum acordo.

No mês seguinte, quando vieram receber o novo salário, o prefeito ordenou que não fosse feito o referido pagamento; em seguida mostrou os citados recibos e usou palavras de baixo nível contra mim, responsabilizando-me por haver denunciado o fato na imprensa.

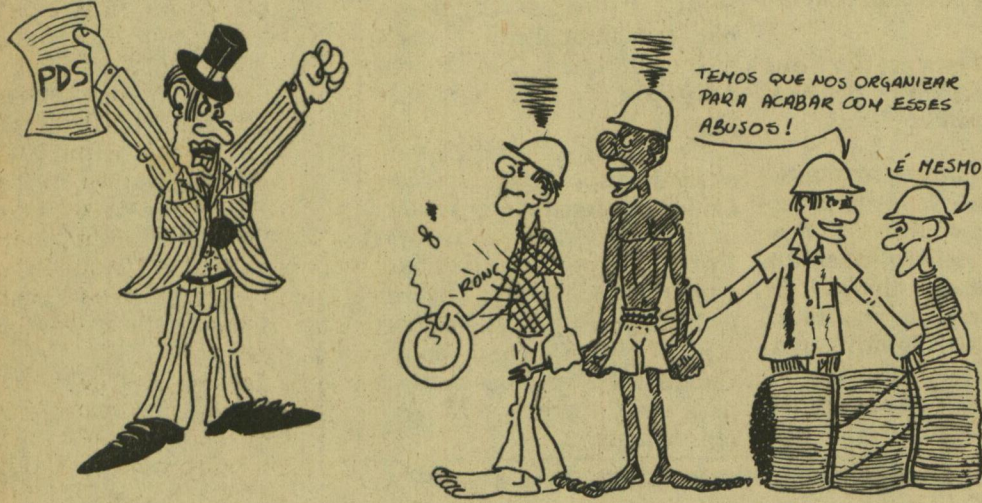
Todas voltaram a consultar o advogado e ficou claro que tal recibo não tinha validade. Embora sem salário, aconselhadas pelo advogado, volta-

ram a trabalhar. Esta semana, sem terem recebido um tostão, essas professoras foram surpreendidas em suas residências, pois o prefeito-patrão mandou deixar a demissão de cada uma; e para surpresa maior, o delegado de polícia Vicente Batata, acompanhava a delegação.

Como estamos próximos das eleições, aparecem os padrinhos de meio de estrada. O Dr. Luis, que é do PDS-2, apareceu dando uma de bonzão, querendo se responsabilizar pelo pagamento das professoras até novembro. Mas esta jogada não engana mais ninguém. O povo insatisfeito e consciente, saberá dar seu voto aos candidatos do PMDB, julgando o PDS e o regime militar no dia 15 de novembro. (Espedito Cruz — candidato a prefeito pelo PMDB de Poção das Pedras, Maranhão)



Expedito defendeu as mestras



Moradores de Vila Amorim querem melhorias no bairro

Quando da visita do candidato a vereador pelo PMDB, Mauro Euzébio, a Vila Amorim, em Suzano, os moradores da rua Alberto José da Costa denunciaram a situação em que se encontram a rua e o bairro. Eles fizeram um abaixo-assinado com 400 assinaturas, reivindicando melhorias para a rua e esgoto. O documento foi entregue ao prefeito do PDS, que nada resolveu, ficando só nas promessas.

A situação da rua é bastante precária. A descarga das

fossas fica acumulada, formando uma grande fossa apelidada pelos moradores de "Fossa do PDS". No calor a situação piora ainda mais, pois aumenta o número de mosquitos e o cheiro impede qualquer um de comer.

Nessa grande fossa é comum carros se atolarem, principalmente quando chove. É grande o número de ratos neste local onde as crianças brincam e pegam doenças. Nem adianta tomar vacinas...

Segundo alguns morado-

res, às vezes a prefeitura manda jogar veneno na valeta, mas não resolve o problema. Como afirmou seu Joaquim, ninguém do governo liga para esta situação. Se o governo ganhar as eleições o povo está perdido. Seu Zuzi completa: "No dia 15 de novembro vamos dar uma resposta para o governo!" Piedade, uma moradora, denuncia que o calçamento não vai chegar ao Centro Comunitário. E a turma vai brigar. (Comitê de Apoio da V. Amorim ao candidato a vereador Mauro Euzébio — Suzano, São Paulo)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A Assembléia Constituinte

A questão chave para o povo brasileiro em nossos dias é a conquista da mais ampla liberdade política. E a forma concreta para alcançar este objetivo é a liquidação do regime militar e a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, onde os representantes do povo possam discutir e decidir sobre um novo regime que corresponda a seus interesses.

FAISAS PROPOSTAS

Combatido por todos os lados, o governo trata de fraudar o sentimento de mudança do povo brasileiro. Através de alguns de seus representantes, já admitiu transformar o Congresso Nacional, a ser eleito no fim deste ano, em Constituinte. Ou seja, pretende fazer algumas modificações na fachada do regime para manter a sua essência anti-democrática e anti-popular. Este Congresso não será eleito com a finalidade de elaborar uma nova Constituição e mesmo se tentasse realizar esta tarefa, sob a tutela do regime militar, jamais poderia atender aos interesses populares.

Certas correntes conciliadoras, a pretexto de serem "realistas", pregam uma Constituinte mesmo com a permanência do regime militar — é a chamada "Constituinte com o João". Pretendem que o regime ceda um pouco e o povo também. Fazem o jogo dos poderosos, aceitando qualquer mudança, mesmo as que forem toleradas pelas leis arbitrárias em vigor e pelos generais que permanecem no poder. A tentativa de conciliar os interesses dos opressores no poder com os oprimidos que anseiam por liberdade só pode favorecer aos que controlam as rédeas do poder.

CONDIÇÕES ESSENCIAIS

A passagem do poder das mãos da oligarquia militar para as mãos da maioria do povo será o resultado da luta de classes e não de acordo com os poderosos. Uma Assembléia para mudar exige a mais ampla liberdade para que os partidos políticos se organizem — principalmente a organização política da classe operária, o Partido Comunista do Brasil — e possam divulgar e debater abertamente os seus programas. Exige a eleição de representantes populares com a finalidade expressa de elaborar uma nova Constituição para o país. Estas condições não serão realizadas sem a liquidação do regime militar, provadamente inimigo da liberdade.

A necessidade urgente da Constituinte expressa a separação irreconciliável entre o governo e a maioria da população. Para cumprir a sua função de "constituir", esta Assembléia deve gozar da mais ampla liberdade, que só pode ser garantida por um novo governo, provisório, que represente as correntes democráticas e as forças do povo unido.

RADICALISMO VAZIO

Alguns setores que procuram se apresentar como "radicais" dizem que a Constituinte não serve ao povo. Presos às formulações abstratas, eles pregam um governo dos trabalhadores. Mas não se preocupam em encontrar as formas concretas que podem levar os trabalhadores ao poder. Dizem que tanto faz este regime que aí está ou um regime democrático por que todos os dois têm um caráter burguês. Não conseguem entender que a liquidação do regime militar e a convocação de uma Constituinte criará uma nova situação política no país e uma nova correlação de forças favorecendo o proletariado e as forças populares. Com sua estreiteza negam a possibilidade de uma ampla frente democrática para derrotar o regime militar. Apesar da aparente posição radical, na prática fazem também o jogo dos poderosos. Fazer política sem abordar as formas concretas para enfraquecer os inimigos, para abrir brechas em sua fortaleza, não serve à revolução. A seguir a construção da unidade popular.

Leia as publicações da Editora Anita Garibaldi

- Princípios, nº 4 Cr\$ 250,00
O Imperialismo e a Revolução (E. Hoxha) Cr\$ 400,00
Farabundo Martí, herói do povo de El Salvador Cr\$ 100,00
O Revisionismo Chinês de Mao Tsetung (João Amazonas) Cr\$ 600,00
Os comunistas e as Eleições (Lênin) Cr\$ 200,00
Relatório ao 8º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia (E. Hoxha) Cr\$ 500,00
Pela Liberdade e pela Democracia Popular (João Amazonas) Cr\$ 300,00
Guerrilha do Araguaia 1972-1982 (recolhido pela Censura)

Clóvis Moura desmente a paz de classes

"A nossa história não foi feita sem violência cruenta. Ela foi feita com o sangue derramado dos oprimidos". A afirmação é do sociólogo, historiador, escritor e colaborador da **Tribuna Operária** Clóvis Moura, quando esteve em Goiânia, no final de agosto, para proferir uma série de palestras sobre "Cultura Popular" e "Violência e Repressão nos Movimentos Populares no Brasil". As palestras foram promovidas por várias entidades estudantis.

Falando à **Tribuna** sobre o mito da cordialidade do brasileiro, Clóvis afirmou: "Parto do conceito de que isso faz parte da ideologia criada pelas classes dominantes para encobrir os conflitos de classes existentes no Brasil". E ironiza: "As classes dominantes, quando reprimem, reprimem com cordialidade. Houve um 'pacto' entre oprimidos e opressores, por isso não houve conflitos sociais no país", diz, referindo-se à historiografia oficial.

REPRESSÃO DOS DOMINADORES

Mas a verdade na história do Brasil é outra, segundo o sociólogo. Ele afirma, incisivo: "A violência sempre foi uma constante na nossa história. A luta entre senhores e escravos; a resistência do índio aos brancos dominadores, todos estes fatos demonstram que os oprimidos sempre utilizaram a violência para se defenderem da repressão dos seus dominadores".

Clóvis acredita na necessidade de estudarmos a história para resgatar a nossa própria identidade. "A história é um aparelho de consciência social, e não um apanhado de datas históricas, batalhas e nomes ilustres".

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

E conclui: "Nunca se precisou tanto da consciência histórica como agora, pois ela é absolutamente necessária para termos uma consciência política e social. Exatamente por isso, o aparelho ideológico das classes dominantes quer fazer do povo brasileiro um povo sem história. Sem consciência histórica". (Francisco Messias, da sucursal)



O novo livro de João Paulo

Os banidos e profanos de João Paulo

Foi lançado, no último dia 26, o livro **Banidos e Profanos**, do poeta João Paulo Naves Fernandes, colaborador da **Tribuna Operária**, com ilustrações de Diana Capdeville Peres e capa de Ênio Lopes. É do livro o poema que segue:

*Banidos e profanos
é o que somos.
Os pensamentos
sentem medo, os
sentimentos, fome.
Medo que o
sorriso exagere para
além do permitido,
medo da profundidade dos olhos,
que a palavra expresse aquilo que é.
Fome de amor, desde os
insensivelmente fáceis, aos
ardorosamente impossíveis,
dos plácidos e
dos incompreensíveis.
À parte isto, uma
ordem sepulcral.
Por isto sublimamos,
por isto sussurramos.*

Candidatos esportistas não defendem o esporte

Jogador, ex-jogador, cartola, massagista, técnico, comentarista, existe de tudo na lista dos candidatos às próximas eleições originários do meio esportivo. Espalhados pelos diversos partidos, poucos escapam da simples vocação fisiológica. Além de não apresentarem propostas políticas claras, com raras exceções, também não se propõem sequer a defender o esporte que lhes deu destaque.

Toninho Cerezzo, médio volante do Atlético mineiro e da Seleção, é um dos candidatos do PDS à Câmara Municipal de Belo Horizonte. Disputará votos com Wilson Piazza, ex-médio volante do Cruzeiro e da seleção campeã de 1970, que concorre à reeleição no mesmo cargo. Candidatos de clubes e partidos rivais, com eleição garantida pelo prestígio que desfrutam junto à poderosa torcida mineira, espera-se que pelo menos Piazza fuja da média dos políticos oriundos do meio futebolístico, que não oferecem nenhuma perspectiva de trabalho em defesa do esporte e dos esportistas.

O abandono do esporte amador, a extinção da várzea nas grandes cidades, o aparelhamento da estrutura esportiva pelos políticos corruptos do PDS é uma bandeira de luta possível e necessária de ser levada em qualquer esfera do poder político. Zé Maria, candidato a vereador em São Paulo, Sadi e Valdomiro, candidatos a vereadores em Porto Alegre, todos ex-jogadores da seleção brasileira e pertencentes aos quadros do PMDB, não podem também decepcionar a grande massa de torcedores e esportistas que lhes confiarão a missão de defender o esporte.

Avelino, pelo PTB, não fala dos problemas do esporte

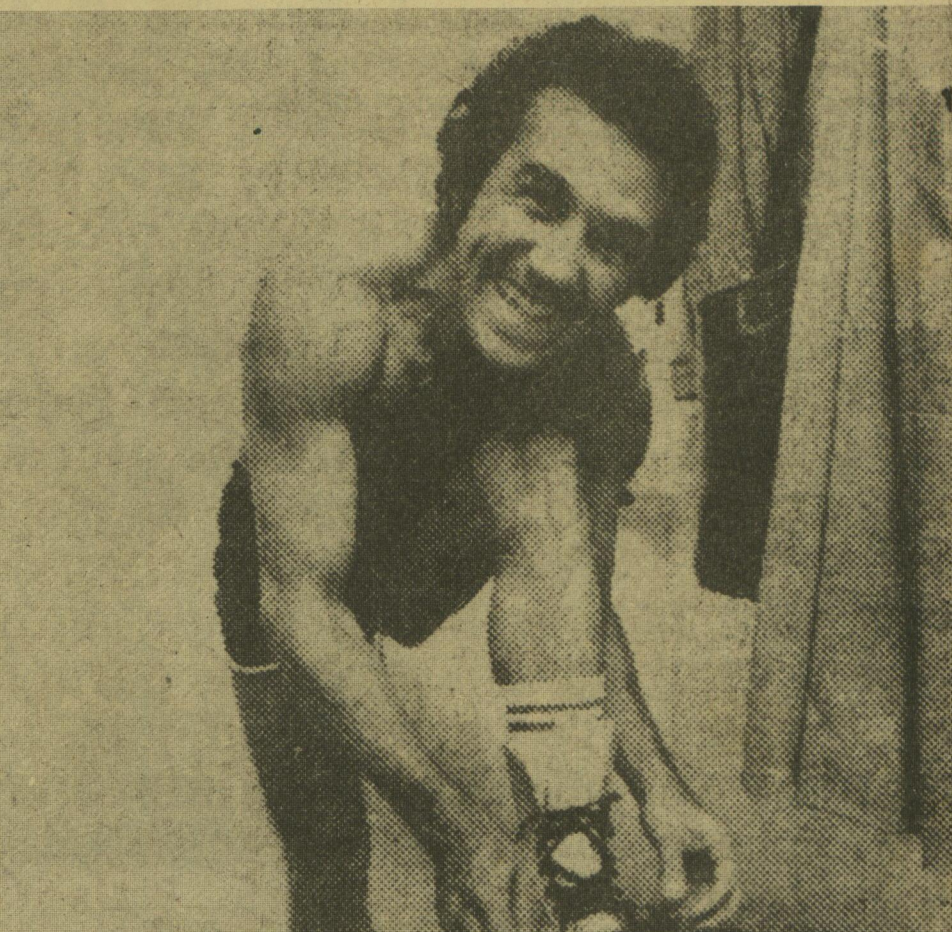
João Avelino, o folclórico e lendário técnico do futebol do interior paulista, é um bom exemplo da ineficiência da maioria dos candidatos ligados ao esporte. Ele é talvez a pessoa que melhor conheça os dramas, as tragédias e as misérias vividas pelos jogadores dos pequenos clubes. Aliás, sua fama provém da matreirice e habilidade em usar o improviso e a precariedade da estrutura desses clubes a seu favor. Avelino já jogou purgante na caixa d'água do vestiário do time adversário, diminuiu o comprimento das traves porque seu goleiro era baixinho e cortou o fornecimento de luz no estádio no meio de uma partida decisiva. Candidato a vereador em São Paulo pelo PTB, pretende fazer campanha junto à torcida dos grandes clubes, onde é bastante conhecido. Nenhuma palavra e nada de campanha no interior do estado, onde estão os jogadores, os clubes e o esporte



Marin e Maluf: malufadas na Federação

Sem-vergonhice e sem-vergonhice

Espectáculo igualmente ou até mais repleto de golpes, manobras e corrupção do que as convenções do PDS, somente as eleições das federações de futebol proporcionam. Não por acaso, também protagonizadas por políticos do PDS "infiltrados no esporte", usando a linguagem tão a gosto deles. Isso aconteceu em todo o Brasil. Mas em São Paulo a função teve lances de insuperável desenvoltura ética e moral. Maluf viu na poderosa Federação paulista uma boa muleta para compensar a irremediável perda do controle da máquina do governo que as urnas lhe vão impor. Patrocinou então a candidatura do



Eder Jofre atacava o descaso do governo com o esporte, mas acabou curvando-se às "vantagens" da candidatura pelo PDS.



Cerezzo: agora, a serviço do PDS

mais necessitado de atenção por parte do poder público.

Contradição de Eder Jofre na candidatura pelo PDS

Caso um pouco diferente é o de Eder Jofre. Duas vezes campeão mundial de boxe, uma na categoria galo e outra na dos penas. Crítico insistente do descaso do governo com o esporte, na segunda vez que ganhou o título fez questão de declarar que a vitória era fruto de seu esforço pessoal e de seu pai Kid Jofre, também seu treinador. Isso depois de brigar com a assessoria do general Médici, que queria as luvas usadas na luta, de presente. Depois de muita insistência, Eder Jofre concordou em dar apenas uma. Contraditoriamente, lançou sua candidatura à Câmara de São Paulo pelo partido que, há dezoito anos no poder, nada fez — nada mesmo! — pelo boxe amador, como ele mesmo reconhece.

Afora esses, existe outra espécie de candidatos, bem mais numerosa, que se alça da cúpula do mundo esportivo para a política, a cartolagem. Com pratica-

Mário Américo "jiló" e PDS

Figura muito simpática e popular nos tempos em que servia a seleção brasileira — foi massagista da CBD por mais de 20 anos, participando de sete Copas do Mundo — Mário Américo se candidatou pela primeira vez em 1976, quando se elegeu para a Câmara Paulistana pelo MDB. Candidatou-se novamente em 1978 à Assembléia de São Paulo. Foi eleito, mas preferiu continuar na Câmara, onde podia defender com mais eficiência o lobby das "casas de massagem", com quem se ligou ao encerrar a carreira no futebol. A medida, que na adquirindo experiência política, se tornava mais fisiológico e traidor. Com a reestruturação partidária transferiu-se para o PDS, atraído pelo malufismo. Inimigo pessoal dos vereadores mais combativos, tentou agredir fisicamente o vereador Benedito Cintra quando este denunciava sua participação nas mazelas do PDS. Hoje, é um dos vereadores mais reacionários da Câmara. Tão grosso e repugnante como os comerciais que faz do Jellol pela TV. (J.M.)

mente um candidato em cada clube, na esmagadora maioria do PDS, eles compõem o mais entrosado e afinado time de oportunistas, carreiristas e corruptos da política institucional.

São velhos conhecidos da política, porque invariavelmente utilizam-se do prestígio dos clubes que dirigem para se eleger e engrossar a corte dos serviços do regime. Mas são bem gratificados por essa atitude. Heleno Nunes, por exemplo, que foi presidente da CBD quando ela ainda administrava o futebol, era também presidente da Arena no Rio de Janeiro. Ficou famosa a máxima da sua gestão: "onde a Arena vai mal, um time no Nacional". Wadhi Helou deixou a presidência do Corinthians para ocupar a Secretaria da Administração do governo de Maluf.

E mesmo os cartolas que não estão envolvidos com a política partidária são freqüentemente adotados pelo regime. Matheus conseguiu com o general Geisel, num ano eleitoral, um terreno de 200.000 m2 para construir o sonhado estádio do Corinthians. (Jessé Madureira)



INDEPENDÊNCIA OU MORTE?

O Brasil, 160 anos depois do *Grito do Ipiranga*, corre o risco de desaparecer enquanto nação. A advertência foi feita pelo movimento operário e popular logo depois do golpe de 1964. Hoje, é confirmada inclusive por personalidades como o ex-ministro Severo Gomes, entre muitas outras. E o processo da recolonização tem um nome: dívida externa.

Nos primeiros cem anos depois do 7 de Setembro de 1822, o Brasil foi dominado através do comércio externo. Na época era a Inglaterra que controlava nossas exportações, sobretudo de café, e as importações. Em seguida veio a dependência através dos investimentos diretos — já então americanos principalmente. Em vez de exportar para cá seus produtos, os dominadores estrangeiros passaram a exportar capitais, instalando aqui suas filiais.

Depois de 1964 veio a terceira fase da dominação, a mais sofisticada, mais segura e lucrativa para os dominadores, por meio da **dívida externa**. Seu principal agente já não é o comerciante, nem mesmo a multinacional, mas o banqueiro. Em vez de arriscar seu dinheiro em empresas de sua própria iniciativa, ele empresta — recebendo-o de volta, junto com gordos lucros, com prazo fixo e garantia total.

A história da dívida começa um ano depois do Grito do Ipiranga

A dívida brasileira já vinha de antes. O primeiro empréstimo, do banco inglês dos Rothschild, foi contraído em 1823, menos de 12 meses após o Grito do Ipiranga. No ano seguinte, Martin Francisco de Andrada alertava: "Os povos, quando querem ser livres, têm muitos recursos em si próprios; o Brasil resistiu a Portugal e prosperou sem empréstimos e jaz hoje no estado mais calamitoso com eles". Devíamos 70 milhões de libras só à Inglaterra quando veio a República, e 3,09 bilhões de dólares em 1964.

Porém os fatos mostram que de lá para cá o problema ganhou uma dimensão nova e dramática — pondo em risco a própria soberania nacional.

A primeira coisa que salta à vista é que a dívida teve um aumento brutal — hoje é 24 vezes maior que em 1964 (veja a tabela). Mas ela também mudou sua estrutura. Em 1971, os bancos privados forneciam apenas 32% dos empréstimos; 56% vinham de agências oficiais (Banco Mundial, USAID, etc.). Os banqueiros estavam ainda "viciando" a economia brasileira: os empréstimos eram facilitados, com juros baixos e longos prazos de



A ESCALADA DA DÍVIDA		
ANO	DÍVIDA EXTERNA	SERVIÇO DA DÍVIDA*
1964	3.096	410
1965	3.478	460
1966	3.702	505
1967	3.372	628
1968	3.780	628
1969	4.403	675
1970	5.295	906
1971	6.622	1.152
1972	9.521	1.561
1973	12.571	2.186
1974	17.166	2.572
1975	21.171	3.670
1976	25.985	4.801
1977	32.037	6.163
1978	43.511	7.865
1979	49.440	10.268
1980	53.847	13.013
1981	61.411	15.615
1982**	74.400	18.500

* Juros mais amortizações

** Estimativa

pagamento. Mas em 1980 as agências oficiais já entravam com apenas 17% da dívida. E 78% vinham dos bancos privados, principalmente americanos.

Em 1964 o serviço da dívida (quantia que o Brasil tem que pagar aos banqueiros a cada ano) foi igual a um sétimo do total que devíamos. Em 1982 já é igual a um quarto (veja a tabela). E já faz anos que os juros (ou seja, o lucro do banqueiro) são maiores do que a amortização (ou

seja, o pagamento da dívida propriamente dito). Pode-se dizer que desde 1967 o Brasil entrou na fase das dívidas para pagar dívidas — a fase da completa dependência.

O país pede emprestado sem saber quanto vai pagar pelo empréstimo

O quadro mundial do endividamento também chegou num novo estágio. Com a crise do capitalismo, as taxas de juros dispararam — de 0,97% para 8,9% nos últimos cinco anos, sem contar a "taxa de risco" que, para o Brasil, nunca é menor que 2%.

Pior ainda é que os juros tornaram-se flutuantes — embora só "flutuem" para cima. O país pede emprestado sem saber quanto pagará pelo empréstimo. Fica à mercê dos humores dos banqueiros e das variações da política americana. Nas últimas semanas a taxa de juros caiu 3% nos EUA, e os tecnocratas daqui suspiraram aliviados; agora já se fala em nova alta, e novo sufoco. Em janeiro o Banco Central dizia que teríamos que pedir emprestado "apenas" 11,2 bilhões de dólares em 1982, porém só até julho tivemos que pedir 11,8 bilhões. Não é demais advertir: a própria existência da nação brasileira corre perigo. (Luiz Gonzaga, Bernardo Joffily)

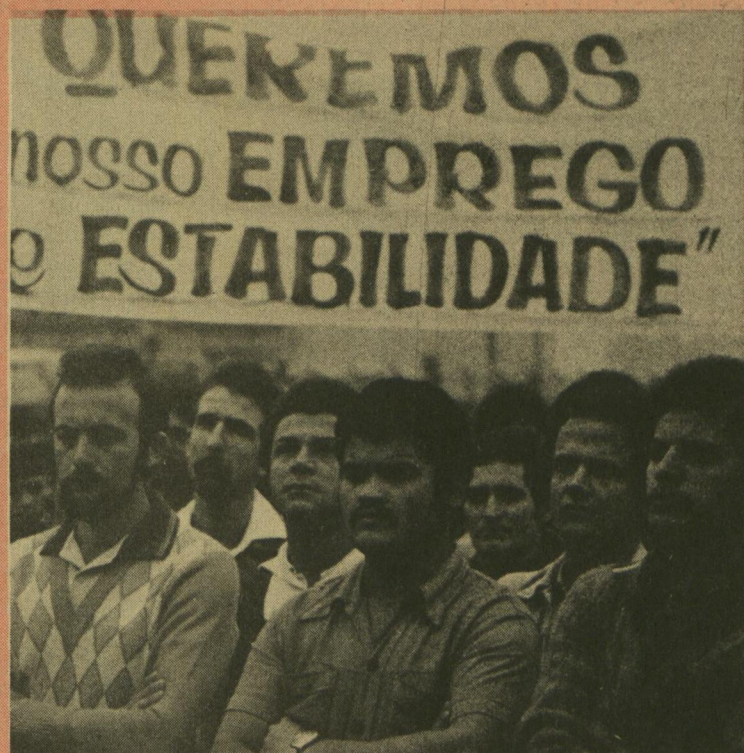
Você é quem paga esta conta

Cada trabalhador brasileiro — inclusive você — está desembolsando este ano uma média de 7 mil cruzeiros por mês para pagar as prestações (juros e amortizações) da dívida externa. No total são 18,5 bilhões de dólares — 3,6 trilhões de cruzeiros — o que o país terá de entregar aos banqueiros internacionais. Veja alguns exemplos de como o trabalhador paga a conta.

Só os juros equivalem a cerca de 2 trilhões — dez vezes os 212 milhões que o governo federal destinou à educação e cultura; sete vezes a verba para os transportes; 25 vezes mais que a verba para a Previdência Social este ano. Ou seja — só os lucros dos bancos estrangeiros ultrapassam em muito todos os gastos do governo com o povo.

O dinheiro tem que sair dos brasileiros e, em última análise, da grande massa de trabalhadores explorados.

O deputado Hélio Duque (PMDB-PR) divulgou uma carta que serve bem como exemplo. Trata-se de um documento enviado pelo Banco Mundial (controlado pelos EUA) ao Ministério das Minas e Energia, em fins de 1981. O Banco exige que o governo aumente as tarifas de energia elétrica bem acima da inflação, para garantir o pagamento da dívida externa da Eletrobrás. Dito e feito. Conforme já denunciámos (veja TO nº 67, de 3 de maio), uma parte do dinheiro de cada conta de luz vai para os banqueiros, como pagamento da dívida. E isto num momento em que o Brasil está



Os desempregados brasileiros estão pagando a dívida...

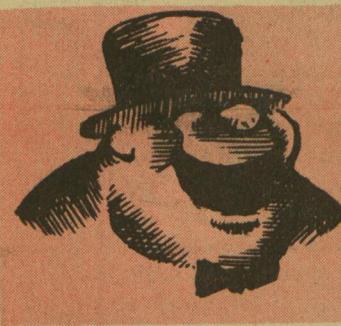
produzindo mais energia elétrica do que pode usar!

Outro exemplo típico liga-se ao desemprego. Os bancos estrangeiros, interligados com as grandes indústrias multinacionais, só emprestam dinheiro se em troca o Brasil comprar produtos dos fornecedores que eles escolherem. Figueiredo e Delfim, em recentes viagens à França e Alemanha, tiveram de comprar trens alemães e franceses para os metrô de Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte, pois do contrário não conseguiriam empréstimos. O resultado é um desastre para a indústria brasileira, que tinha todas as condições de fabricar esses trens. E um grande surto de desemprego na Mafersa, Santa Ma-

tilde, Cobrasma e outras empresas do setor.

Numa de suas últimas viagens, Delfim fechou um empréstimo em Londres, vinculado à compra de vários navios ingleses. Os jornais britânicos estamparam em suas páginas: "Obrigado Brasil, por ajudarmos a diminuir o desemprego". Mas na indústria naval do Estado do Rio centenas foram para o olho da rua...

O sofrimento destes desempregados é para pagar a dívida. As contas de luz absurdamente caras também. E as formas variam ao infinito, até inteirar os 7 mil cruzeiros mensais que cada trabalhador desembolsa, em média, por esta dívida sufocante.



As últimas dos banqueiros

"O Tesouro dos EUA deve insistir para que o México aceite condições que ofereçam uma esperança razoável de voltar a uma firme posição financeira. Se isto constitui uma afronta ao orgulho nacional mexicano, que assim o seja".

"É melhor o ministro Krzak cancelar seus compromissos senão não sobra nenhum Estado para ele administrar".

"O Brasil vale muito mais do que 80 bilhões de dólares pelo que já fez".

Como o Brasil vai sair desta?

O debate sobre como salvar o Brasil da sua dívida nunca esteve tão aceso como agora. As posições são muitas, mas podem ser agrupadas assim: o governo, obedecendo aos banqueiros, quer administrar a dívida, as oposições exigem que ela seja renegociada, ou até mesmo congelada.

A POSIÇÃO DO GOVERNO

Um exemplo escandaloso dos resultados da linha oficial: o minério de ferro de Carajás será vendido, no porto de S. Luiz, a 4 cruzeiros o quilo!

Tais planos chegaram a indignar Luís Dutra Câmara, capitalista brasileiro da área de mineração. "O governo — disse ele dia 30 — está vendendo uma coisa que não é dele. O minério de Carajás pertence à Nação e o governo não pode negociá-lo dessa maneira". Não pode mas negocia, porque os banqueiros obrigam. É o preço para ele "administrar" ou "rolar" a dívida.

No fundo, é uma renegociação às escondidas. O Brasil consegue empréstimos, com prazos de oito anos e três anos de carência, mas em troca de



juros altíssimos, agravados com comissões e taxas, em troca de Carajás, de uma política voltada para a exportação, de mais recessão e desemprego.

Por enquanto os banqueiros ainda emprestam, para ajudar o PDS nas eleições. Mas já apresentaram um ultimato para depois: ou o governo aplica a recessão e o arrocho salarial, ou eles fecham a torneira dos dólares.

A PROPOSTA DE RENEGOCIAR

Formou-se no país uma amplíssima frente contra essa linha de "rolar" a dívida, frente composta até por setores do grande empresariado. Uma das alternativas levantadas é a renegociação pública da dívida externa.

Esta alternativa tem o mérito de aparecer associada com a democratização do país. Para se sentar na mesa de negociações com os vorazes banqueiros internacionais, é preciso ter algum trunfo na mão. É como diz o senador Paulo Brossard (PMDB-RS): "Um governo só, sem o apoio do povo, é um governo fraco, especialmente diante de credores fortes".

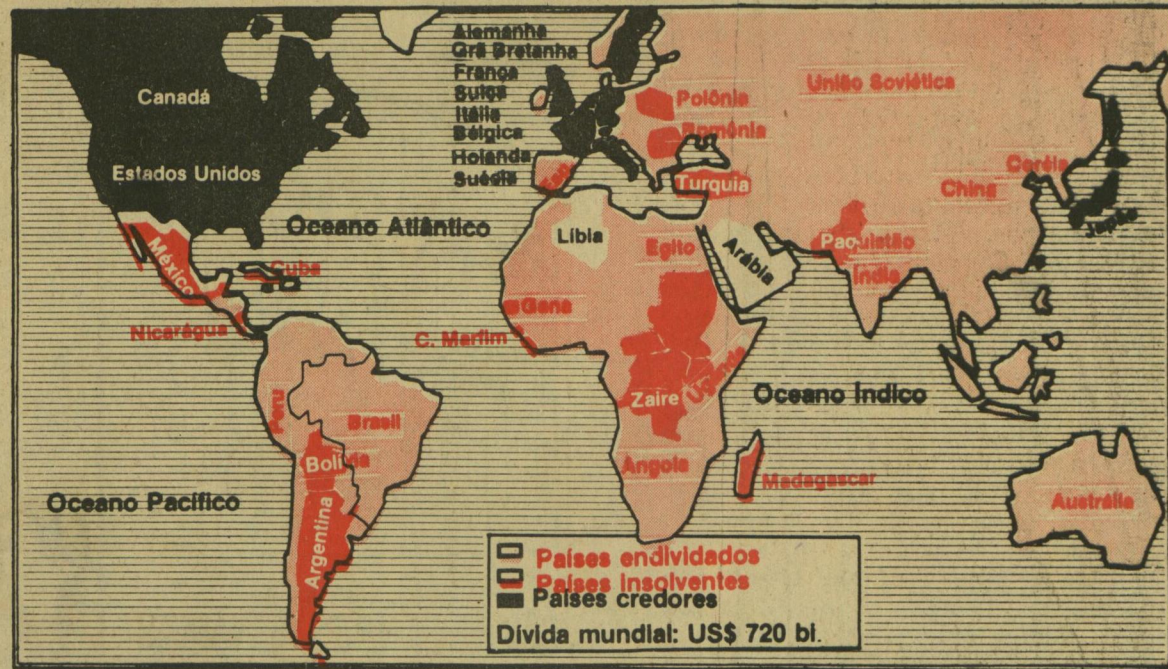
Porém a renegociação, da forma que vem sendo usada com outros

países, tem sérias limitações. Os banqueiros não toleram que se toque nos juros. E exigem que o FMI dirija o país, impondo "planos de recuperação".

A SAÍDA DO CONGELAMENTO

Daí a proposta de congelar a dívida, aprovada na Conclat da Praia Grande e referendada nas principais reuniões de sindicatos e entidades populares deste ano. Ela consta também da campanha de candidatos populares como o deputado operário Aurélio Peres (PMDB-SP), que propõe: "Suspender o pagamento das prestações e juros da dívida externa, até que sejam negociados novos prazos e condições, para quebrar o círculo vicioso do endividamento externo e recuperar a autonomia da política econômica do país".

Trata-se de uma medida imediata, para ser aplicada por um governo democrático com bases no povo, e naturalmente não atinge as raízes profundas do problema. Livrar-se da dívida externa é uma tarefa tão séria que exigirá um novo grito de Independência ou Morte, desta vez para valer, a ser dado pelo povo trabalhador quando ele passar a mandar no Brasil.



Os campeões mundiais da dívida

O sistema financeiro mundial está em pane. A dívida dos países subdesenvolvidos chega a 600 bilhões de dólares. Em dez anos cresceu dez vezes. Grandes e pequenos entram em falência e não conseguem pagar as prestações. México, Costa Rica, Romênia, Polônia, Peru, Índia, Zaire, Bolívia e muitos outros pedem moratória.

Argentina

População: 27 milhões
Dívida 40 bilhões de dólares

É difícil dizer o que arrasou mais a Argentina, a guerra contra os ingleses ou a administração realizada por Martinez de Hoz durante o governo fascista dos militares. O resultado atual é dramático. Só no 2º semestre de 1982 ela terá que pagar 12 bilhões de dólares de juro e prestações. Não há reservas em caixa. A ideia do governo é apelar para o Fundo (Fundo Monetário Internacional).

México

População: 67 milhões
Dívida: 85 bilhões de dólares

De repente estourou a bomba mexicana. O campeão mundial

da dívida externa capotou. Não tinha mais dinheiro para pagar os juros e prestações no valor de 10 bilhões de dólares que venciam neste ano. O governo pediu moratória de 90 dias para os banqueiros. Foi um corre-corre danado. Com o sinal verde do FMI os banqueiros arranjaram 2 bilhões de dólares de emergência. Mas isso saiu caro. Os americanos obrigaram os mexicanos a vender-lhes ainda mais petróleo e a um preço mais baixo. Além disso o FMI vai liberar 4 bilhões; mas vai também administrar o México.

Polônia

População: 35 milhões
Dívida 30 bilhões de dólares

A Polónia — dita "socialista" — causou um trauma no mundo financeiro. Sua economia, cada vez mais baseada na exportação de carvão, ficou paralisada em

1981. Os poloneses comunicaram aos banqueiros internacionais que não poderiam pagar os quase 3 bilhões de dólares que venceriam nos últimos nove meses de 1981. Foram realizadas tensas reuniões de renegociação. Numa negociação direta, os banqueiros aceitaram a moratória, em troca de um brutal aumento nos juros e da recessão na economia. Agora a Polónia avisa que não poderá pagar os 10 bilhões que vencem em 1982.

Nicarágua

População: 2,6 milhões
Dívida: 1,5 bilhão de dólares

A Nicarágua em 1980 devia 1,5 bilhões de dólares e não podia pagar. A guerra civil obrigou os banqueiros a recuarem. Foi um caso à parte. Foi o único país que conseguiu adiar o pagamento das prestações e também dos juros, nesses casos recentes. Os banqueiros fazem tudo para esconder esse caso. As Forças Armadas Sandinistas e o governo democrático saído da revolução, contra Somoza, tiveram força para impor um congelamento da dívida.

